



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA (DHI)

MÃE MENININHA DO GANTOIS: ESTRATÉGIAS POLÍTICAS E MÍDIA DA
RELIGIÃO (1967-1986)

João Vitor Braga Rosa

São Cristóvão – SE
2022

JOÃO VITOR BRAGA ROSA

MÃE MENININHA DO GANTOIS: ESTRATÉGIAS POLÍTICAS E MÍDIA DA
RELIGIÃO (1967-1986)

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório do trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Carlos Franco Liberato (DHI/UFS)

Coorientador: Prof. Bruno R. Vêras (York University, Toronto, Canadá)

Mãe Menininha conquistou ampla admiração pelo exercício de uma qualidade muito familiar aos políticos: era uma mestra no jogo de alternar a conciliação e a resistência. Nunca se rebelou contra o poder, seja do Estado ou da Igreja Católica, que apoiava a perseguição ao candomblé, mas também jamais se rendeu

Jorge Amado

Ela é tudo o que Caymmi disse na canção. Foi e é bonita, de uma beleza interior, não de sabonete. Tem beleza nos gestos, no olhar. Quando a gente está com um problema, só de vê-la a gente já sente um alívio. Ela transmite qualidade. Não faz milagres, mas que resolve muitos problemas de muita gente, resolve.

Carybé

AGRADECIMENTOS

Neste espaço designado ao reconhecimento de pessoas importantes na minha trajetória como estudante universitário, primeiramente quero agradecer a pessoa que me ensinou desde o início da minha vida que o estudo era caminho para alcançar meus objetivos pessoais e profissionais. Minha mãe, Maria Cleonice Barbosa Braga, sempre foi minha base, sempre me incentivou, me apoiou, puxou a minha orelha quando necessário e me mostrou que foi através do estudo que ela conquistou, de forma árdua e digna, tudo o que tem na vida. Desde a decisão de estudar fora e viver um tempo longe da pessoa que convivi durante toda a minha vida, foi sempre ela que me incentivou. A viver a uma experiência nova na minha vida, da qual eu jamais me arrependo, uma vez que acredito que este foi uma fase engrandecedora, que me ajudou a crescer não só como estudante universitário, mas como pessoa.

Além da minha mãe, uso este espaço para agradecer ao meu pai, Luiz Antônio da Silva Rosa, minha madrasta, Clívia Medeiros Rosa, e toda a Família Rosa e seus agregados, que me acolheram em um momento de transição na minha vida e prestaram todo auxílio que necessitei durante o período em que estive estudando na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e morando em Aracaju - SE. Sou muito grato a oportunidade que a universidade me deu de criar um vínculo maior com a minha família por parte de pai, uma vez que, nunca pude conviver de fato por um tempo considerável esta parte da família, devido as mudanças que ocorriam por conta do trabalho de minha mãe. Sendo assim, só conseguia passar as férias com meu pai e pouco tempo tinha para estabelecer vínculos familiares com todos. Gostaria de agradecer especialmente a minha Tia Lourdes Rosa, que foi fundamental desde a ajuda na minha inscrição no processo seletivo, até as primeiras impressões passadas sobre como era o curso de História na UFS. Além disso, não poderia deixar de citar meus irmãos, Márcio, Sthepanie, Albert e Thiago, os quais sempre me auxiliaram durante o tempo que estive morando em Sergipe.

É importante frisar que muitas pessoas, mesmo que distantes presencialmente falando, foram importantes e que me deram apoio neste período para que eu conseguisse completar o meu primeiro ciclo como estudante universitário. A todos os familiares da Família Braga, que espalhada pelo Brasil, sempre me mandou energias positivas quando precisei, principalmente a minha irmã Annyelle, que acompanhou desde criança a minha trajetória como estudante até eu ingressar na universidade. Agradecer também a minha namorada Diana Carneiro que me apoiou

durante todo esse processo de formação, mesmo que distante fisicamente. Mostrar também minha gratidão também aos meus amigos de Feira de Santana, Nicolás Miguel, Nilton Sena, Ronaldo Netto, João Gabriel, Thiago Oliveira, Ícaro Trindade, Victor Galvão, Alice Palmeira, Kivya Raissa, todos que me deram o apoio necessário durante o período que estive fora e nunca deixaram de se preocupar comigo.

Além dos amigos que tinha em Feira de Santana, a universidade foi responsável por criar vários vínculos importantes que levarei para o resto da minha vida. Primeiramente gostaria de agradecer aos meus dois amigos, Gustavo Lourenço e Neto Marques que dividiram apartamento comigo durante o período que morei em Aracaju. Apesar de todos os desentendimentos que existem em convivência, criei uma amizade muito forte com ambos. Além deles, pude fortalecer amizades com pessoas que já conhecia da época de escola como foi o caso dos meus amigos Douglas Bernardo e Marcos Davi. Ainda, devo dizer que neste período formei amizades e conheci pessoas incríveis como minhas amigas, Vivian Oliveira e Isabella Santos, e meus amigos de curso, Carlos Antônio e Rafael Português. Ou seja, cada um de sua maneira, foram importantes de alguma forma na minha trajetória acadêmica e por isso merecem os agradecimentos.

Após agradecer família e amigos não poderia deixar de mencionar pessoas de dentro da academia que foram fundamentais na minha formação como docente em História. Primeiramente, gostaria de agradecer ao professor Francisco José Alves, o qual foi responsável por despertar o meu gosto pela pesquisa com fontes históricas, devido as inúmeras oficinas que ofereceu durante a graduação, a forma de ensinar e o prazer que tinha em ajudar todos os alunos. Foi através dele inclusive que comecei a gostar de análise de fontes iconográficas, ou seja, ele tem uma grande parcela de culpa positiva com relação a escolha do meu tema e a forma como abordei e analisei o assunto. Também devo agradecimentos ao meu orientador Carlos Franco Liberato, que me ajudou desde quando demonstrei interesse pela Cultura Afro-Brasileira, me iniciou na pesquisa dentro dessa temática e abriu as portas do seu grupo de pesquisa, O GEPHADA, para eu ser bolsista durante um ano. Local no qual aprendi muito do pouco que sei sobre História da África e diáspora africana. Além destes, devo um agradecimento especial ao meu amigo e coorientador, o professor Bruno Vêras. Responsável por me guiar e ensinar os diversos caminhos da pesquisa histórica e suas relações com as humanidades digitais. Foi ele que me deu a oportunidade de trabalhar como assistente de pesquisa em dos seus projetos de pesquisa, que contou com o apoio do The Harriet Tubam Institute - YorkU. Desde fevereiro de

2021, trabalho neste projeto incrível que me ajudou a aprender como se coloca a mão na massa na pesquisa histórica.

Por fim, gostaria a todas as pessoas que mesmo não mencionadas, fizeram parte da minha trajetória durante este tempo que vivi a universidade e morei em Aracaju – SE. Vivi intensamente essa experiência, amadureci bastante e principalmente pude viver todas as experiências que a universidade proporciona, desde adquirir conhecimento e experiência acadêmica, até conhecer, viver e aprender com pessoas que tem visões de mundo completamente diferentes do seu vínculo familiar. Portanto, sou extremamente grato a tudo que aprendi neste tempo em que fui aluno do curso de História da UFS, pois apesar das dificuldades e perrengues que passei, tenho a convicção que viver este momento foi uma das coisas mais importantes da minha vida.

RESUMO

É de conhecimento geral que desde o final do século XIX e o início do século XX que os espaços religiosos do sagrado africano no Brasil são perseguidos pelo Estado e por suas instituições legais. Partindo desse fato, a cultura e religiosidade africanas foram reprimidas em detrimento da a cultura branca europeia baseada na religião católica. Na história do Brasil existiram personagens importantes que foram responsáveis por resistir a essa repressão cultural e policial de diversas maneiras. Mãe Menininha do Gantois foi uma destas que atuou de maneira ativa no combate a repressão e ao preconceito para com as religiões de matriz africana. Ademais, foi uma das pioneiras na defesa a disseminação e valorização da cultura africana. Porém, a maneira diplomática como ela defendia o candomblé, conquistando espaço através das suas alianças, associado a exploração da sua imagem, que a fez se destacar dentre as outras mães de santo. Desta maneira, através de um estudo bibliográfico e investigativo, amparado de fontes históricas diversas (iconografias, fotografias, revistas, periódicos diversos e jornais de época) o presente trabalho visa investigar a política da imagem elabora por e ao redor de Mãe Menininha do Gantois, principalmente entre os anos 1960 até 1986, buscando compreender como os aspectos políticos, culturais e sociais influenciaram a sua trajetória. Além disso, o trabalho busca explicar o porquê Mãe Menininha foi considerada, como descrita nas fontes, a primeira “mãe de santo pop do brasil”, através do uso de depoimentos de pessoas próximas a ela, como também de fontes históricas que retrataram o tamanho da sua influência e tudo aquilo que ela representou. Ainda, é importante frisar que para entender a maneira como Mãe Menininha se consolidou, é essencial entender todo o contexto de formação e fundação do seu terreiro, como também a trajetória trilhada por ela para atingir esse patamar de reconhecimento mundial. Em função disto, com base nas discussões e argumentações expostas, argumento que Mãe Menininha era sábia e sagaz no seu jogo de cintura entre diplomacia e resistência, uma vez que formava alianças poderosas, conquistava influência social e deixava sua imagem ser usada para alcançar espaços ocupados pela elite, para difundir e defender as religiões de matriz africana.

ABSTRACT

It is common knowledge that since the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, the religious spaces of the African sacred in Brazil have been persecuted by the State and its legal institutions. Based on this fact, African culture and religiosity were repressed to the detriment of white European culture based on the catholic religion. In the history of Brazil, there were important characters who were responsible for resisting this cultural and police repression in different ways. Mãe Menininha do Gantois was one of these who actively acted in the fight against repression and prejudice against religions of African origin. In addition, it was one of the pioneers in defending the dissemination and appreciation of African culture. However, the diplomatic way in which she defended Candomblé, conquering space through her alliances, associated with the exploitation of her image, which made her stand out among the other mothers of saint. In this way, through a bibliographic and investigative study, supported by diverse historical sources (iconography, photographs, magazines, and periodicals), the present work aims to investigate the image policy elaborated by and around Mãe Menininha do Gantois, mainly between the 1960s and 1986, seeking to understand how political, cultural, and social aspects influenced its trajectory. In addition, the work seeks to explain why Mãe Menininha was considered, as described in the sources, the first “mother of saint pop in Brazil”, using testimonies from people close to her, as well as historical sources that portrayed the size of its influence and all that it represented. Still, it is important to emphasize that to understand the way Mãe Menininha was consolidated, it is essential to understand the entire context of formation and foundation of her terreiro, as well as the path she followed to reach this level of worldwide recognition. Because of this, based on the discussions and arguments presented, I argue that Mãe Menininha was wise and sagacious in her game of skill between diplomacy and resistance, since she formed powerful alliances, conquered social influence, and let her image be used to reach occupied spaces. by the elite, to spread and defend the religions of African origin.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mãe Menininha com Roberto Dinamite e sua esposa.....	50
Figura 2 - Mãe Menininha com seus amigos, Dorival Caymmi, Jorge Amado e Carybé	57
Figura 3 - Propaganda de Mãe Menininha em parceria com a DPZ e a Olivetti	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O TERREIRO DO GANTOIS E O CANDOMBLÉ BAIANO.....	17
2.1	O ILÊ IYÁ OMI IYAMASSÉ: A FUNDAÇÃO DO TERREIRO DO GANTOIS ..	17
2.2	O NASCIMENTO DO TERREIRO DO GANTOIS E SUA LÓGICA DE FUNCIONAMENTO	22
3	TRAJETÓRIA DE VIDA DE MARIA ESCOLÁSTICA DA CONCEIÇÃO NAZARETH: A MÃE MENININHA DO GANTOIS.....	25
3.1	MÃE MENININHA DO GANTOIS: RESUMO BIOGRÁFICO	25
4	MÃE MENININHA: A PRIMEIRA MÃE DE SANTO POP DO PAÍS	32
4.1	A INTELLECTUALIDADE E MÃE MENININHA DO GANTOIS	32
4.2	A MÚSICA E MÃE MENININHA DO GANTOIS.....	40
4.3	MÃE MENININHA, IDENTIDADE, POLÍTICA E FUTEBOL.....	47
4.4	MÃE MENININHA, MÍDIA E PUBLICIDADE.....	54
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
6	REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, ao longo dos séculos, as religiões de matriz africana contaram com líderes influentes que contribuíram decisivamente para a consolidação desses cultos enquanto manifestações religiosas legítimas. No entanto, apenas na segunda metade do século XX é que essas práticas deixaram de ser abertamente perseguidas pelas autoridades policiais e, até certo ponto, menosprezadas pela maioria cristã. Neste último período, uma das atuações mais notáveis foi a de Maria Escolástica da Conceição Nazaré, mais conhecida como Mãe Menininha do Gantois (1894-1986). Ainda em vida, Mãe Menininha recebeu o reconhecimento público como líder espiritual e alcançou destaque nos meios de comunicação de massa. Descendente direta de africanos, nasceu num terreiro de candomblé, tendo sido iniciada aos oito meses de idade por sua bisavó materna, Maria Júlia da Conceição Nazareth, oriunda do centro-sul da região conhecida como iorubalândia (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006; CASTILLO, 2017).

Grosso modo, pode-se dividir a vida de Mãe Menininha em duas grandes fases no que se refere à sua aceitação por parte da sociedade englobante. A primeira fase corresponde ao início de sua trajetória à frente do Terreiro do Gantois, quando, como muitos sacerdotes antes e depois dela o fizeram, resistiu à injúria pública e às violentas investidas policiais. A década de 1960 inaugura uma nova fase, na qual Mãe Menininha consegue contornar muitos empecilhos causados pelo preconceito e tornando-se uma líder representativa da diversidade religiosa e cultural da Bahia. A partir de então, Mãe Menininha passa a desempenhar vários papéis que ultrapassaram em muita sua posição de ialorixá e começa a utilizar-se de novas formas de resistência baseadas na difusão cultural e em procedimentos mais amplos de comunicação. Neste contexto, o objetivo principal deste trabalho é o de compreender as estratégias utilizadas por Mãe Menininha do Gantois para assenhorar-se da imagem criada pelos meios de comunicação de massa e as maneiras como usou a posição de primeira “mãe de santo pop” do Brasil (GIL, 2004 apud ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006) para desmistificar a imagem preconceituosa acerca das religiões de matriz africana no imaginário coletivo.

O marco temporal desta monografia tem início na década de 1960 e vai até a morte de Mãe Menininha do Gantois, em 1986. O trabalho visa entender a motivação da mãe de santo ao deixar sua imagem ser usada como representação da diversidade cultural baiana e a maneira como ela agia para angariar espaços midiáticos exclusivos da elite. Dessa forma, faz-se necessário debruçar-se no estudo dos aspectos sócio-políticos e culturais do período delimitado

para compreender através do exercício de análise de fontes históricas diversas, como estes aspectos impactaram a sua trajetória de vida. Em outras palavras, este trabalho pretende explicar a forma como Mãe Menininha tornou-se a “Mãe da Bahia” ou a “Mãe do Brasil”, uma referência em sabedoria na hierarquia religiosa, reconhecida mundialmente através dos diversos meios de comunicação. Além disso, busca compreender a influência da sua personalidade na conquista desta posição (EUGÊNIO, 2018).

A notoriedade da ialorixá supracitada não se limitou aos filhos de santo, mas envolveu muitos que simpatizavam com ela. Era comum a chegada de dezenas de pessoas de diversas partes do país e até do exterior que vinham visitar o terreiro para ter a oportunidade de conhecê-la pessoalmente e pedir a sua benção. A imagem de Mãe Menininha foi criada ao longo de muitos anos de serviço à sua própria comunidade, imagem essa que refletia atitudes e feitos importantes e, também, a essência da sua personalidade. Mais tarde, personificou uma figura materna madura que foi responsável pela desmistificação de vários preconceitos contra as religiões de matriz africana.

Com seu alicerce político e cultural consolidado, Mãe Menininha começou a ganhar espaço nos meios de comunicação com uma quantidade expressiva de matérias jornalísticas contando sua história, seus feitos e sua influência, chegando até mesmo a fazer propaganda em jornais impressos e comerciais televisivos. Ela atingiu um nível de influência e de fama que nenhuma outra mãe de santo chegou a ter, a ponto de aparecer em campanhas publicitárias do Governo da Bahia e em algumas propagandas das máquinas de escrever Olivetti. Vale dizer que, além de líder religiosa, Mãe Menininha também se transformou em uma figura midiática, com poder de influência entre seus pares e entre uma grande parte da população da Bahia em geral.

No auge de sua popularidade, Mãe Menininha do Gantois pôde dar-se ao luxo de assumir uma posição acima das contendas políticas, dos embates religiosos e, até mesmo, dos conflitos sociais. A valorização da sua imagem como sacerdotisa de fama internacional fez parte de um processo de transformação ocorrida na “identidade baiana”, através do qual as manifestações culturais negras e africanas passaram, cada vez mais, a receber reconhecimento e respeito por parte do estado e dos meios de comunicação de massas. Essa reconfiguração identitária fez de Salvador uma cidade mais atrativa do ponto de vista turístico. A figura de Mãe Menininha do Gantois transformou-se numa das representações mais emblemáticas de uma recém-descoberta “baianidade nagô”. O candomblé, que antes era uma religião marginalizada,

extremamente perseguida pela mídia e violentada pela polícia baiana, passou a ser um dos símbolos da cultura baiana (ROMO, 2010). Vale ressaltar ainda que devido as características de sua personalidade e da fama adquirida, Mãe Menininha fez muitas amizades de grande relevância social e política, tais como: o ex-governador Antônio Carlos Magalhães, os artistas Vinicius de Moraes, Gal Costa, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Jorge Amado, Dorival Caymmi, os acadêmicos Edison Carneiro, Arthur Ramos, dentre tantos outros que muito contribuíram na sua trajetória como ialorixá. Era praticamente impossível ir para a Bahia ou falar de Salvador e não a conhecer.

Neste contexto o objetivo deste trabalho é entender a forma como Mãe Menininha se apropriou da imagem criada pelos meios de comunicação para manifestar-se contra o preconceito para com as religiões de matriz africana e difundir a cultura candomblecista. Sendo assim, para a produção do presente trabalho, fez-se uso de um amplo referencial acerca do Terreiro do Gantois e de Mãe Menininha. Dentre a bibliografia utilizada, destacam-se vários estudiosos como: Nina Rodrigues (1935), Manoel Querino (1938), Edison Carneiro (1948), Arthur Ramos (1940), Melville J. Herskovits (1943), Donald Pierson (1945), Ruth Landes (1967), Roger Bastide (1961; 1989), Pierre Verger (1957; 1962; 1981), Vivaldo da Costa Lima (1977; 1981; 1884; 2000), Deoscóredes Maximiliano dos Santos (1962), Juana Elbein dos Santos (1986), Marco Aurélio Luz (1995), Kátia Matoso (1988), Muniz Sodré (1988), Maria Stella de Azevedo Santos (1993), Ralph Becker (1995), Ordep Serra (1995; 2002), H. J. Drewall & J. Mason (1998), Volney J. Berkenbrook (1999), Julio Braga (1995; 2009), Anadelia Romo (2010), Marcia Sant'anna (2015), Clara Flaksman (2016), Lisa Castillo (2016; 2017).

O trabalho não se constitui numa revisão bibliográfica sobre o tema e nem tem a pretensão de realizar uma análise crítica de nenhum viés teórico já defendido. Seu intuito é estruturar uma nova abordagem acerca do que estava implícito nas ações e nas relações da ialorixá, tanto com o público em geral, como nas suas relações pessoais. Para além disso, o trabalho busca elucidar a forma como a sua imagem era abordada nas publicidades e propagandas e quais os interesses implícitos da mídia a partir dessas ações publicitárias.

Diferentemente do trabalho de Nóbrega e Echeverria (2006) que elegeu uma abordagem mais biográfica da vida da mãe de santo e dos trabalhos produzidos pela historiadora americana Lisa Castillo (2016; 2017) centrados na pesquisa sobre a vida dos africanos libertos, com destaque para os fundadores dos terreiros de candomblé mais antigos da Bahia, ou ainda, dos trabalhos da professora Ângela Luhning (1995; 1996) que escolheu retratar principalmente os

períodos de repressão nos terreiros de candomblé com o enfoque sempre no opressor para explicar a trágica situação do oprimido, o trabalho propõe-se a dar uma nova roupagem aos estudos já conhecidos sobre a figura de Mãe Menininha do Gantois e sua relação com a história do candomblé baiano.

Dito de outra forma a investigação versa sobre a trajetória de Mãe Menininha com realce no período em que ela se tornou uma figura popular e reconhecida como a primeira mãe de santo pop do Brasil (GIL, 2004 apud ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). Neste universo, explorar a forma perspicaz de como fazia uso da sua imagem criada pelos meios de comunicação de massa e da sua influência social e cultural para atuar no contexto político.

Durante o processo de escrita desta monografia foi realizado um árduo trabalho de investigação através da análise de fontes primárias diversas, tais como: iconografias, fotografias, revistas, periódicos e jornais de época. O principal banco de dados utilizado durante esse processo foi a Hemeroteca Digital Brasileira (<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>), disponível no site da Biblioteca Nacional do Brasil. Através deste sistema de pesquisa foi possível fazer uma busca de jornais, revistas e imagens focados no objeto de estudo deste trabalho. Finalmente, buscou-se fundamento nas discussões bibliográficas sobre o candomblé baiano e suas principais personalidades.

Além disto, outro referencial teórico de extrema importância para este trabalho foram os autores utilizados para a análise de imagens e iconografias. Partindo do conceito defendido por Burke (2017) de que as imagens são extensões dos contextos sociais em que foram produzidas, não seria possível investigar a vida de uma figura tão midiática quanto a de Mãe Menininha, sem analisá-la através das imagens e iconografias produzidas durante sua trajetória de vida. Deste modo, através do método de análise de imagem criado pela professora Elspeth H. Brown (2015), foi possível discutir os principais objetivos deste trabalho.

A monografia encontra-se dividida em três capítulos principais. O primeiro, “O Terreiro do Gantois e o candomblé baiano”, subdividido em duas partes, tem como objetivo principal oferecer um panorama histórico sobre os fundadores do Terreiro do Gantois e as discussões históricas sobre o seu surgimento. O capítulo irá dar enfoque nos líderes precursores do Terreiro do Gantois, contextualizando toda a história do casal Maria Júlia da Conceição Nazareth e Francisco Nazareth d’Etra, desde sua migração forçada da África Ocidental como escravos, até a conquista de suas alforrias. Num segundo momento o capítulo enfatiza a discussão sobre o

surgimento do Gantois, além de explicar sua lógica de funcionamento até Mãe Menininha assumir o comando da Casa.

O segundo capítulo, “Trajetória de vida, de Maria Escolástica a Mãe Menininha do Gantois”, tem como objetivo principal retratar o caminho percorrido por Maria Escolástica da Conceição Nazareth até a ocupação do cargo mais alto do Terreiro do Gantois. De maneira sucinta, amparado teoricamente na biografia produzida em 2006 pela historiadora Cida Nóbrega e pela jornalista Regina Echeverria, pelos relatos de convivências da historiadora Ruth Lands (2002) e pelos depoimentos encontrados em jornais e revistas, discutiremos aspectos biográficos relevantes da vida privada de Maria Escolástica para entendermos o como e o porquê de ela ter se tornado mãe de santo do Gantois. Além disso será discutido o conceito de baianidade nagô e a forma como a transformação de identidade cultural do povo baiano ocorreu a partir do final da década de 1930 (ROMO, 2010).

O terceiro e último capítulo, “Mãe Menininha: a primeira mãe de santo pop do país”, tem como objetivo principal discutir a forma como Mãe Menininha, usava da imagem criada pelos meios de comunicação de massa, para angariar espaços ocupados pela elite e difundir a cultura candomblecista. Além disso, neste capítulo são abordadas as questões políticas, culturais e sociais que envolveram sua vida em meio a popularidade adquirida, sua relação com a cultura musical, com os membros da elite intelectual e artística baiana e brasileira, até sua chegada ao reconhecimento internacional. Por fim, por meio dos processos metodológicos de análise de imagem, a monografia discute a sua importância para o candomblé, para o povo preto e para cultura afro-brasileira investigando suas diversas faces nas publicidades e propagandas re/produzidas nos diversos meios de comunicação.

Ademais, é importante destacar que as questões e reflexões aqui realizadas tiveram início a partir da disciplina História da Cultura Afro-Brasileira, que tinha como propósito analisar e discutir algumas personalidades significativas que ajudaram na construção da identidade negra no Brasil. A ideia geral foi dar visibilidade a esse grupo de pessoas que foram importantes para a história brasileira, mas que em geral não são visibilizadas.

A relevância do trabalho encontra-se na oferta de uma possibilidade de entendimento do papel imprescindível de Mãe Menininha como precursora do combate à discriminação afro-religiosa através do uso dos meios de comunicação de massa, antes ocupados estritamente pela elite baiana. Além disso, oferece a perspectiva de compreensão da mãe de santo como uma personagem brasileira histórica, nos quesitos cultural, social e político. Por fim, através deste

trabalho também é possível fazer um paralelo com a nossa atual conjuntura social e política, uma vez que vivemos em uma sociedade cada vez mais intolerante no quesito religioso.

2 O TERREIRO DO GANTOIS E O CANDOMBLÉ BAIANO

Os terreiros de candomblé fundados por africanos chegados no Brasil durante o comércio atlântico de pessoas escravizadas são lugares importantes de resistência negra e de disseminação cultural. O Ilê Iyá Omi Iyamassé ou Terreiro do Gantois foi um destes lugares. O espaço tem uma história que merece ser discutida e rememorada devido a relevância das pessoas que ocuparam o cargo de mãe de santo e os seus feitos. Dessa maneira, iremos investigar como ocorreu a fundação do terreiro, um pouco da relação que o espaço estabelecia com os locais de culto aos orixás, além de entender a história dos fundadores do Gantois, desde o nascimento deles na África, sua vinda para o Brasil como escravos, até a sua liberdade.

2.1 O ILÊ IYÁ OMI IYAMASSÉ: A FUNDAÇÃO DO TERREIRO DO GANTOIS

A Sociedade de São Jorge do Gantois, também reconhecido por Ilê Iyá Omi Iyamassé, ou simplesmente, Terreiro do Gantois é um dos terreiros de candomblé mais antigos e respeitados da Bahia e do Brasil. Desde 2002, foi tombado e reconhecido como patrimônio histórico pelo IPHAN e há tempos tem sido um espaço religioso que serviu de objeto e sujeito a pesquisas e estudos diversos sobre a história das religiões afro-brasileiras (CASTILLO, 2017). O espaço religioso foi fundado por dois africanos, ambos bisavôs de Mãe Menininha, que chegaram ao Brasil através do tráfico internacional de escravos.

Dessa forma, para compreender como se deu a fundação do Gantois é necessário entender um pouco da história dos seus fundadores. Maria Júlia da Conceição Nazareth, bisavó de Menininha e uma das fundadoras do Gantois, nasceu ao que tudo indica, no ano de 1813 em território Iorubá, África Ocidental. De origem iorubá, do povo egbá-alaké, que ficava localizado no centro-sul da iorubalândia.¹ Segundo Lisa Castillo (2017), Omonikê, nome iorubá de Maria Júlia, e sua família tiveram que se deslocar para outra região por conta das guerras civis geradas pela instabilidade política ocasionada pela queda do Império de Oió.

¹ A iorubalândia é uma região cultural africana que compreende parte da Nigéria, do Togo e do Benim. Esta é habitada por povos falantes da língua iorubá.

A família teria se refugiado em Abeokutá, cidade-estado conhecida pela fertilidade do solo, dada a sua proximidade do Rio Ogun. Como de costume na região, as cidades eram todas muradas para evitar os ataques e saques que eram rotineiros no contexto da guerra civil gerada pelo esfacelamento do Império do Oió. Durante essas guerras, os ataques eram direcionados a pessoas que saíam de dentro da região murada em pequenos grupos. Essas saídas ocorriam principalmente devido a necessidade que se tinha de buscar de água, de plantar e semear as roças que os alimentavam diariamente. Os contrabandistas de escravos esperavam a hora exata e se aproveitavam para praticar sequestros. Esses raptos costumavam fazer parte de quadrilhas de traficante de escravos cativos e intermediavam a venda dessas pessoas para os atravessadores responsáveis pelo tráfico negreiro. Em uma dessas saídas, Maria Júlia foi raptada e levada como escrava para o Brasil, para a Cidade da Bahia, como era conhecida Salvador naquela época (CASTILLO, 2017).

Ao chegar em Salvador, Ominikê foi comprada por Antônio Soares de Sá, um homem branco que morava na freguesia da Conceição da Praia. Localizada entre a Baía de todos os Santos e uma ribanceira, a pequena freguesia era conhecida como o centro comercial da cidade. O local abrigava diversos tipos de estabelecimentos comerciais, lojas, sedes de empresas, mercados, além de ficar ao lado do porto da cidade (CASTILLO, 2017). Segundo Castillo a região era freguesia extremamente movimentada, uma das mais populosas de Salvador, principalmente devido a crescente circulação de escravizados. A autora ainda ressalta que neste espaço moravam diversos escravos libertos, os quais praticavam atividades comerciais e prestavam serviços relacionados as atividades náuticas (CASTILHO, 2017).

Apesar de morar freguesia da Conceição, Ominikê foi batizada em outro local, a Freguesia da Sé, onde recebeu seu nome de batismo em português, Maria Júlia, no dia 29 de novembro de 1835. Vale ressaltar que nesta época havia uma grande pressão por parte do governo para com os senhores de escravos. Eles estavam dedicando uma atenção redobrada ao catecismo dos escravos chegados ao Brasil, pois estavam receosos de ocorrer uma nova tentativa de rebelião semelhante à Revolta dos Malês, ocorrida em janeiro daquele mesmo ano. Foi estipulada uma série de medidas drásticas de prevenção contra as rebeliões, um exemplo disso eram as multas aplicadas caso o senhor não batizasse seu escravo dentro de seis meses seguintes a sua chegada. Além disso, essa época ficou marcada pela forte repressão aos escravos e pelo sentimento anti-africano que tomou conta da população branca (CASTILLO, 2017).

Maria Julia Conceição, como escrava do seu senhor, trabalhava nas redondezas do local onde morava. Segundo Castillo (2017), a casa de Antônio Soares de Sá, seu senhor, era uma

das maiores da região e estava muito bem localizada, já que ficava ao lado do mercado Santa Bárbara, o maior da cidade. Essa região era muito propícia para o comércio de comida e miudezas, como o que fazia Maria Julia, que atuava como quitandeira. Através do seu trabalho ela tinha contatos cotidianos com muitos africanos de diferentes origens, para se ter uma ideia, só a família a quem ela pertencia tinha onze escravos de quatro locais diferentes da África. Isso ocorria porque a guerra na Iorubalandia não cessava e a quantidade de africanos escravizados só aumentava, eles eram de diversas cidades-estados; reinos: oyos, owus, ijebus e egbas. Além destes, existia no Brasil uma quantidade considerável de africanos libertos que seguiam o perfil demográfico de um período anterior do tráfico negreiro, eram geralmente os angolas, haussás e jêjes.

No Brasil, os chamados jêjes, nação ao qual o bisavô de Menininha pertencia, em sua grande maioria estavam concentrados na Freguesia de Conceição da Praia, a mesma em que Maria Julia morava e trabalhava. Nicolau Parés (2006) aponta para esta informação relatando sobre a existência de uma confraria de nação jêje, a Irmandade de Bom Jesus das Necessidades e da Redenção. Devido a quantidade de negros africanos escravizados de diferentes nações, eles costumavam conhecer uns aos outros durante a rotina de trabalho. Segundo Castillo (2018), foi muito provavelmente em um destes momentos que Maria Júlia conheceu Francisco Nazareth e assim começaram a relacionar-se.

Francisco Nazareth de Étra, bisavô de Menininha, nasceu em alguma região do Golfo do Benim, já que era do povo jeje-mahi. Não temos muitas informações históricas ao certo sobre o período em que ele era escravizado e data estimada que ele chegou no Brasil. Contudo, de acordo com a pesquisa de Lisa Earl Castillo (2018), os registros paroquiais dão conta de que Francisco foi batizado em Conceição da Praia aos 10 anos de idade, no dia do 12 de maio de 1799. Seu senhor, José Antônio d’Etra, era um africano, ex-escravo que fazia parte de uma pequena parcela da classe de africanos bem-sucedidos. Ele era dono de diversos cativos, cerca de 50, o que de certa forma era considerado um número considerável para época. Segundo Castillo (2018), José Antônio tinha experiência no ramo de barbearia, onde ensinava seus escravos as habilidades da profissão, além de ter uma banda. Na sua residência, próxima ao Mercado Santa Barbara, ele mantinha sua oficina de barbearia e administrava os ensaios de sua banda. Seus escravos aprendiam tanto as habilidades de barbeiros, que além de cortar cabelo funcionavam como uma espécie de “médicos” da época, como as de músicos de percussão.

Após dez anos do seu batismo, Francisco Nazareth conseguiu um acordo com o seu senhor que lhe cedeu uma liberdade condicional. Seu senhor, assim como fez com uma outra

escrava jêje com quem teve um filho, condicionou a liberdade dele atrelada a sua morte. Ou seja, Francisco só se tornaria um preto forro quando seu dono viesse a óbito. Ele topou o acordo e trabalhou ao lado de senhor por cerca de trinta anos, até a sua morte. Neste período Francisco adquiriu muitas das habilidades com o seu senhor, tanto as de barbeiro, quanto as do ramo da música (CASTILLO, 2017).

Vale ressaltar que a família de senhor, José Antônio, tinha uma posição social que oferecia certas vantagens e regalias para os escravos da casa d'Etra, se comparado com os cativos dos senhores brancos. Pela influência que a família tinha, eles estabeleciam relações e muitas vezes passavam integrar a rede social dos seus senhores, uma vez que a maioria deles convivia com o mesmo dono a vida inteira ou até a morte de seu senhor. De acordo com Castillo (2018) a trajetória de Francisco Nazareth retrata este fato, uma vez que ele estabeleceu conexões importantes com africanos, principalmente com ex-escravos de sua nação. Um exemplo de amizade que formou durante o cativeiro foi a do seu padrinho, um africano forro chamado Antônio Narciso Martins. Narciso era um amigo de confiança do seu senhor, era proprietário de diversos imóveis e escravos e era mestre de navios negreiros.

Outro fato curioso que demonstra alguns dos privilégios tidos por Francisco Nazareth, se diz respeito a quantidade de apadrinhamentos feitos por ele. Segundo Castillo (2017), ainda escravo, Francisco foi padrinho seis vezes, entres os de 1813 a 1823. É importante lembrar que suas amizades, principalmente a do seu padrinho, tiveram uma influência direta no seu ganho de prestígio. Entretanto, há de se dizer também que era fora do comum alguém em cativeiro receber convite para ser padrinho de um crioulo livre, como ocorreu em dos seus casos. A autora ainda comenta que naquela época, os padrinhos eram escolhidos geralmente por hierarquia social, cor e condição jurídica. Desse modo, o mais comum era que se escolhessem a aristocracia branca e não algum escravo africano, mesmo que ele tivesse alguma promessa de liberdade condicional.

Durante trinta anos, Francisco Nazareth trabalhou para José Antônio, período o qual fez muitas amizades e conquistou um prestígio inesperado. No dia 7 de maio de 1828 o senhor faleceu e finalmente Francisco conseguiu a sua alforria. Apesar de ter conquistado sua liberdade, Francisco ficou muito abalado com a morte do senhor, pois ele era uma pessoa que ele admirava e tinha uma relação de proximidade. Não demorou, Francisco sofreu outra perda considerável, dessa vez do seu padrinho, Antônio Narciso Martins da Costa. Isso o abalou bastante uma vez que ele tinha perdido as suas duas figuras paternas durante a sua trajetória como escravo no território brasileiro (CASTILLO, 2017).

Após explicar a trajetória de ambos os fundadores do Gantois, é crucial contextualizar a vida dos dois como um casal. A relação de Maria Julia e Francisco Nazareth começou, como dito anteriormente, devido à proximidade das suas moradias. Tudo indica que os dois se conheceram por volta de 1830 e em 1838 tiveram o primeiro filho de nome Herculano. Como os dois eram escravos, o filho deles virou propriedade do senhor de Maria Julia, Antônio Soares de Sá. O menino foi batizado ainda quando tinha três meses e foi apadrinhado pelo filho bastardo de José Antônio d'Etra, Manoel José d'Etra que curiosamente era escravo de seu próprio pai. Manoel teve papel fundamental para a libertação de Maria Julia, uma vez que foi ele quem a ajudou a comprar sua alforria. Ele emprestou grande parte do dinheiro devido por conta da amizade que tinha com Francisco. Além disso, o valor era muito alto, cerca de quinhentos e cinquenta mil réis, quantia que demandava um certo tempo para ser juntada e assim muitos escravos morriam tentando comprar sua liberdade.

Depois da liberdade conquistada em 1840, Maria Julia se distanciou da família Soares de Sá, principalmente após a morte de seu ex-dono, Antônio Soares, que faleceu em janeiro de 1843. Após a morte dele, Maria Julia e Francisco focaram em conseguir a liberdade do filho, que já estava completando seus quatro anos de idade. Segundo Lisa Castillo (2017), não se sabe ao certo quanto tempo Herculano passou sob o poder da família Soares de Sá, mas ao que tudo indica é que foi resgatado ainda muito novo, pois a documentação sugere que após sua libertação ele usava o nome do pai e não o da família que o tinha como propriedade. Esse afastamento de contato entre a família de Maria Julia, agora toda liberta, se deu também por conta do vínculo social do seu marido. Isto se confirma principalmente através da escolha dos padrinhos dos filhos do casal, a grande maioria deles africanos ou descendentes de africanos, ou seja, todos tinham um vínculo familiar que havia sido firmado através da relação que Francisco teve com a família d'Etra.

Ao todo o casal teve sete filhos, quatro homens e três mulheres. Os homens, o próprio Herculano, Francisco Cassiano, José Narciso e Jacinto Marcianno. Com relação as mulheres temos, a conhecida Maria Pulquéria, outra Maria, e avó de Menininha que se chamava Damiana. Por fim vale ressaltar que apenas um destes nasceu dentro da escravidão, todos os outros foram crioulos livres (CASTILLO, 2017).

2.2 O NASCIMENTO DO TERREIRO DO GANTOIS E SUA LÓGICA DE FUNCIONAMENTO

No ano 1849 surgia uma roça que era chamada de Gantois no alto de um bairro periférico de Salvador. Em outras palavras, de acordo com a documentação encontrada por Lisa Castillo (2017), foi neste ano que surgiu o Ilê Iyá Omi Ase Iyamasé. Em uma terra arrendada por Francisco de Nazareth e sua mulher Maria Julia, surgiria o famoso terreiro que seria palco de umas das mais longas histórias do candomblé brasileiro. Ademais, é importante frisar que o terreiro carrega o nome de Gantois, devido ao antigo dono da terra, o belga Edouard Gantois, proprietário na época de boa parte do que hoje é o bairro da Federação.

De acordo com Clara Flaksman (2014), se conhecem duas versões conflitantes sobre como é que se deu o surgimento do Gantois, A primeira delas, defendida pelos clássicos acadêmicos como a versão oficial, indica que Maria Julia de Nazareth, insatisfeita com os conflitos de que ocorriam devido a morte de Marcelina da Silva, mãe de santo do terreiro da Casa Branca, teria arrendado sua roça no Rio Vermelho de Cima (atualmente a Federação) e aberto seu próprio terreiro. Segundo Flaksman (2014), a insatisfação se deveria por conta de uma disputa do posto de nova mãe de santo da casa, o qual acabou ficando uma outra Maria Júlia, de sobrenome Figueredo.

A outra versão defendida pela própria Mãe Menininha, como relata Lisa Castillo (2017), primeiramente adotava a perspectiva que Marcelina da Silva não teria sido mãe de santo de sua bisavó e sim, sua irmã de santo. Além disso ela discorre sobre o fato do Terreiro do Gantois não descender da Casa Branca do Engenho Velho:

Segundo Menininha, o Gantois não descende do Engenho Velho. Pelo contrário, os dois terreiros seriam galhos do mesmo tronco, compartilhando uma origem em comum: uma comunidade religiosa primordial, localizada no centro da cidade, num distrito conhecido como a Barraquinha. Depois da morte de Menininha, foram encontrados dois documentos que respaldaram seus argumentos: o primeiro, o testamento de Marcelina da Silva, revela que ela faleceu em 1885; o outro, uma matéria de jornal de 1868, comenta sobre o candomblé de “tia Júlia” e de sua filha Pulquéria. Assim, fica claro que a fundação do Gantois antecedeu, por mais de quinze anos, o falecimento de Marcelina da Silva (CASTILLO, 2018, p.4).

Apesar do conflito, o Terreiro do Gantois se firmou no alto da Federação no ano de 1849 e de lá mais nunca saiu. Mantendo sempre o legado da tradição iorubá e preservando o culto aos orixás, o terreiro ficou conhecido por ser um dos terreiros mais tradicionais do país. Além disso, é de conhecimento geral que o terreiro segue uma tradição matriarcal com base na estrutura familiar de manutenção dos laços parentais (HITA, 2014). Isto é, a casa só pode ser dirigida por pessoas do sexo feminino, mães de santo, cumprindo as medidas estabelecidas de hereditariedade e consanguinidade.

Um outro aspecto sobre o surgimento do Gantois que deve ser explicado é a escolha do seu local. O lugar escolhido para ser sede do Ilê Iyá Omi Ase Iyamasé, foi a o bairro da Federação devido as suas características na época. Ruth Landes (2002) comenta sobre a dificuldade que se tinha de acessar o Gantois naquele tempo:

O Gantois fica numa elevação muito acima da Bahia, a velha cidade do Salvador, e as luzes da cidade estavam tão distantes que pareciam fantásticos vagalumes na atmosfera. O céu, como sempre, estava brando e escuro, quase uma coisa corpórea que podia ser tocada. O Gantois situa-se numa ampla clareira na mata logo atrás da linha do bonde que vem da Cidade Alta, mas não pode ser visto da rua. A trilha que lhe dava acesso era sinuosa e escarpada e tivera a intenção de ser secreta no tempo da escravidão, quando o governo se opunha às reuniões de negros. Até a empreendedora 46 companhia inglesa construir a linha de bonde, após a emancipação, o templo, de fato, ficara oculto. Mas agora chegava-se a ele sem dificuldade e tinham feito degraus cuidadosamente guarnecidos de pedras no barro vermelho. Ao redor da clareira, a pequena distância do templo, elevava-se um denso bosque de árvores retas e enormes (LANDES, 2002, p. 285).

Essa estratégia da localização dos terreiros em área afastadas da cidade era algo comum nos terreiros de candomblé, visto que as batidas policiais nas primeiras décadas do século XX, costumavam acabar com as celebrações nos terreiros (LUHNING, 1995);(OLIVEIRA, 2015). Nos anos 20, era comum os policiais da delegacia de Jogos e Costumes, vandalizarem os terreiros, prenderem os praticantes da religião (ALBUQUERQUE, 2006).

Apesar das perseguições o candomblé e as religiões de matriz africana em geral resistiram a todo e qualquer ataque que viesse de fora da comunidade (SANTOS, 2009). Com muito suor e sangue derramado, conseguiram manter seus costumes e tradições, sempre cultuando os orixás. O Gantois é só mais um dos exemplos de como os terreiros são espaços de resistência e representação cultural. O Terreiro do Gantois, por exemplo, ganhou destaque tamanho que chegou até a ser tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2002, uma vez que foi considerado um espaço histórico para o

estudo da cultura Afro-Brasileira que merecia ser preservado (SERRA, 2002); (SANT'ANNA, 2015).

É importante ressaltar que ao longo de sua história o terreiro teve seis mães de santo no seu comando, sempre seguindo a linha sucessória consanguínea, citada acima. O templo é um dos únicos no Brasil que ainda preserva uma descendente direta de uma africana em seu comando.

A primeira delas foi Maria Julia da Conceição Nazareth, que ficou no cargo desde sua fundação até sua morte em 1910. Em seguida, quem assumiu a casa foi sua filha, Pulcheria Maria da Conceição Nazareth, que ficou no comando do terreiro desde 1910 até 1918, quando faleceu. Ela era filha de Oxóssi e foi extremamente importante para consolidação do Gantois e durante toda a sua vida demonstrou poder de liderança e resistência, comandando o terreiro no período mais árduo de perseguição policial. Após a sua morte, a terceira mãe de santo a ocupar o cargo no Gantois foi Maria da Glória da Conceição Nazareth, sobrinha de Pulcheria e mãe de Menininha. Ela assumiu o terreiro pois Pulcheria não tinha nenhuma filha que pudesse ocupar o cargo, dessa forma quem foi escolhida para comandar foi ela. Vale lembrar que ela ficou pouco tempo no comando da casa, de 1918 a 1920, uma vez que fatalmente veio a falecer dois anos após ocupar o cargo.

Seguindo a tradição sanguínea e matriarcal do terreiro, após a sua morte quem foi escolhida para ocupar o cargo foi Maria Escolástica da Conceição Nazareth, popularmente conhecida como Mãe Menininha do Gantois. Ela foi a quarta mãe de santo a ocupar o cargo no Gantois e liderou o terreiro entre 1922 e 1986. Há de se perceber, pelo ano que ela assumiu, que o terreiro ficou sem mãe de santo por dois anos. Isso ocorreu devido a uma discussão sobre quem iria assumir o cargo, pois os frequentadores do terreiro estavam preocupados com a pouca idade e falta de experiência de Menininha. Vale salientar que a casa passou por uma fase de recesso em respeito a morte de repentina de Maria da Glória. Após o falecimento de Mãe Menininha quem assumiu a casa foi a sua filha mais velha, Cleusa Milet, que este à frente do terreiro desde 1989 até 1998. Depois dela quem assumiu o cargo e chefia até hoje o Gantois, foi a filha mais nova de Mãe Menininha, Carmen Oliveira da Silva. Filha de Oxaguian, a responsável por seguir os costumes e tradições deixados por sua família.

Sendo assim, ela é a pessoa encarregada de dar continuidade ao legado desta linhagem africana. Além de preservar um terreiro de santo que marcou a história do Brasil e deve ser lembrado por todos os feitos conquistados pelas pessoas que um dia comandaram este espaço religioso e cultural.

3 TRAJETÓRIA DE VIDA DE MARIA ESCOLÁSTICA DA CONCEIÇÃO NAZARETH: A MÃE MENININHA DO GANTOIS.

Maria Escolástica da Conceição Nazareth conhecida pela sua personalidade doce, era chamada desde criança de Menininha por sua família, e segundo ela não sabe ao certo por que deste apelido (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). Já crescida, quando assumiu o Terreiro do Gantois, Menininha conquistou o coração de várias celebridades e personalidades e atraiu muitos “filhos” e aliados para a Casa. Ela ficou responsável pelo local por sessenta e quatro anos e transformou-o em um dos mais admirados e respeitados do Brasil, até os tempos atuais. Mãe Menininha se tornou uma figura icônica na Bahia, sendo bastante conhecida e respeitada pelos seus moradores. Apesar de toda a perseguição da polícia e da imprensa baiana até meados da década 1970, ela soube conduzir a sua casa de forma competente. Deste modo, neste capítulo iremos compreender um pouca da história da ialorixá em um breve resumo biográfico, com foco principal na sua vida antes de se tornar mãe de santo. Além disso, entenderemos como se deu a transformação cultural baiana, com a consequente valorização da cultura popular negra pelo estado e a maneira como Mãe Menininha estava inserida neste processo em seus primeiros anos no comando do Terreiro do Gantois.

3.1 MÃE MENININHA DO GANTOIS: RESUMO BIOGRÁFICO

Maria Escolástica da Conceição Nazareth, conhecida como Menininha do Gantois, era chamada desta maneira devido as características da sua personalidade, uma menina doce, simpática, alegre e carismática, que demonstrava estes traços da sua personalidade nas rodas de dança do terreiro desde muito nova (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). Filha de Maria da Glória Nazareth e Joaquim Assunção, nasceu em na cidade de Salvador no dia 10 de fevereiro 1894, na data da Santa Escolástica. Criada sozinha pela sua mãe, devido o afastamento do pai ainda quando ela era criança, foi a filha única do casal e nunca manteve contato direto com sua figura paterna. Sua mãe era neta da africana liberta Maria Julia da Conceição Nazareth, com

relação ao seu pai, não se sabia ao certo sua origem, entretanto, as estudiosas afirmam que era um mulato elegante conhecido na cidade pelo nome de Joaquim Malcriado.

Era de conhecimento geral no terreiro, desde antes do nascimento de Menininha, que a bebê que estava prestes a nascer deveria ser iniciada na religião o mais rápido possível. Aos oito meses de nascida, através de uma decisão conjunta dos orixás, da sua bisavó e sua tia, Pulchéria Maria da Conceição Nazareth, Menininha passou pelo processo de iniciação do candomblé, “fazer o santo”. Nóbrega e Echeverria (2006) explicam como este procedimento funciona:

Para os praticantes, esta cerimônia é a porta de entrada para que alguém se torne adepto da religião. A iniciação dura de 16 a 21 dias, e compreende um conjunto de procedimentos que se inicia com a raspagem da cabeça do noviço e tem como finalidade tornar acessível o orixá que a pessoa traz dentro de si e que poderá, a partir de então, manifestar-se através do transe. (ECHEVERRIA e NOBREGA, 2006, p.11).

O curioso motivo implícito sobre o santo de Menininha, só poderia ser explicado dentro da lógica da religião candomblecista. Meses antes do seu nascimento, Maria Julia estava em processo de preparação de iniciação de uma mulher do terreiro, quando foi avisada pelo jogo de búzios, que a ainda estava para nascer a criança que seria responsável por raspar a cabeça desta filha de Iansã. A criança citada era Menininha. Desse modo, desde bem pequena sabia-se que Menininha seria destinada ao cargo de ialorixá da casa em futuro não muito distante.

Até seus dezesseis anos Maria Escolástica partilhou da presença da sua bisavó, que a criou e a ensinou muito do que sabia sobre a religião dos orixás, visto que era uma conhecedora profunda das tradições ancestrais dos nagôs. Além disso, aprendeu muito com os ensinamentos do seu bisavô, Frascisco Nazareth de Étra (1789-1859), inclusive foi através dele que ela conheceu um pouco sobre uma outra nação religiosa africana, a jêje. Vale ressaltar que sua principal mentora foi a sua tia, Pulchéria Maria da Conceição Nazareth, pois quando Menininha nasceu, sua bisavó era muito idosa, já tinha noventa e quatro anos, e pouco tempo depois veio a falecer, deixando o cargo de ialorixá para a filha Pulchéria. É importante frisar que Pulchéria foi uma mãe de santo extremamente querida no Gantois, tinha um prestígio por todos que frequentavam a casa, até mesmo com intelectuais e pesquisadores que se dedicavam ao estudo do das religiões de matriz africana, como era o caso de escritores Manuel Querino e Nina Rodrigues. Os dois eram professores da Escola de Medicina da Bahia; ambos eram ogãs da casa

do alto da Federação, nesta época conhecida por muitos como Casa de Pulchéria. (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006).

Maria Escolástica da Conceição Nazareth durante sua infância/adolescência sempre mostrava ser uma pessoa muito centrada e educada, sempre frequentou boas escolas e tinha uma educação considerada privilegiada, algo que normalmente só os brancos tinham acesso, como podemos ver neste trecho do depoimento da folclorista Hildegardes Vianna²:

Professor Café era um preto, professor do Governo. Tinha um colégio ali pela Piedade. Era um homem muito conceituado porque as pessoas que faziam o curso com ele estudavam os cinco anos primários. Quando concluíam o quinto ano, os alunos estavam aptos a estudar qualquer outra coisa. Então, Mae Menininha fez um primário bom. E a família dela devia ser uma gente preta de categoria, porque ela era uma pessoa muito educada, respeitosa, tinha muito discernimento (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p. 47-48).

Após se formar, solteira e sem filhos, Menininha começou a trabalhar como bordadeira. Tirava o sustento desta profissão. Estava ciente que poderia viver sua vida como bem quisesse, montar sua família e ter seus filhos, visto que, Pulchéria estava consolidada como mãe de santo e a sua sucessora natural era Maria da Glória, a mãe de Menininha.

No começo da década de 1920, Maria Escolástica começou a se relacionar com um homem, o advogado Álvaro McDowell, e com ele estruturou sua família. Mantinham uma relação como qualquer outro casal embora nunca tenham se casado oficialmente. Com Álvaro Menininha teve duas filhas, Carmen e Cleusa, e assumiu uma outra filha de um relacionamento anterior do seu conjugue. A menina se chamava Maria e era filha da antiga esposa de Álvaro, que faleceu durante o parto de sua filha. Um adendo que deve ser feito no que diz respeito a Maria Escolástica e sua relação conjugal é que Menininha não queria se casar com nenhum preto, pois acreditava que se casasse com algum descendente africano, muito provavelmente não teria um relacionamento consolidado. Além do mais, Menininha era muito ciumenta e não aceitava esta condição, como mulher. Dessa maneira, achou em um advogado de família holandesa o homem que seria o pai de suas filhas, que a respeitava e que a ajudou muito durante toda sua trajetória, não só como esposa, mas também como ialorixá. Vale ressaltar que Álvaro

² Depoimento retirado do livro, Mãe Menininha do Gantois: uma biografia. Esse testemunho foi dado pela folclorista durante a produção da obra referida.

nunca teve nenhum cargo dentro do Gantois, mas sempre ajudava em tudo aquilo que podia, como relata a filha Carmen em um depoimento dado a Regina Echeverria e a Cida Nóbrega.

Ele tinha um temperamento apaixonado de ficar vermelho. Enérgico a mais não poder, era um líder que sabia comandar. Ajudou a botar o Gantois de pé. Dia de candomblé, quando a casa estava pronta, ele fazia a decoração com cachos de uva de massinha e parreira saindo pelo lugar dos atabaques. Uma vez, fez um zepelim de lança-perfumes com cortinas de ampolas vazias. Não tinha posto nenhum no Gantois. Seu envolvimento se dava por amor e pela família (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p.52).

Além disso Álvaro ajudou bastante a comunidade candomblecista e seus membros durante o tempo das perseguições, defendendo no tribunal várias pessoas que foram acusadas de prática de feitiçaria, perturbação do silêncio e do bem-estar social, dentre outras coisas. Isso fica claro em um trecho do livro *Mãe Menininha*, uma biografia:

Atribui-se também ao advogado Alvaro MacDowell um trabalho na defesa do candomblé e de membros das comunidades ameaçados pela perseguição policial. Seu envolvimento com a causa ficou explícito quando participou da cerimônia de abertura da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia, pois foi dele o discurso de encerramento da solenidade de posse da primeira diretoria, em setembro de 1937, com o babalô Martiniano do Bonfim na presidência (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p.53-54).

Logo após firmar o seu relacionamento com Alvaro McDowell, Menininha passou por um dos períodos mais difíceis de sua vida. No ano de 1918 ela perdeu sua tia, que faleceu aos 78 anos de idade, pessoa da qual ela era muito próxima, visto que foi uma das responsáveis por iniciá-la na religião dos orixás. Depois da morte de Pulchéria, quem ficaria responsável pelo terreiro era sua sobrinha Maria da Glória, a mãe de menininha, uma vez que sua tia não tinha nenhuma descendente direta que pudesse ocupar seu cargo. Esta transição foi um pouco conturbada, o que fez com que o povo de santo se afastasse do terreiro por um tempo. Durante esse período era necessário completar três anos da morte da antiga Ialorixá para que a nova tomasse posse definitivamente. Entretanto, após dois anos de espera, Maria da Glória veio a falecer de maneira inesperada no ano de 1920. Isso causou um grande abalo emocional em Menininha, dado que teria perdido duas entes queridas em um curto espaço de tempo. Diante

disso Maria Escolástica se afastou por tempo indeterminado do Terreiro do Gantois, tendo, inclusive, se mudado dele para não conviver em ambiente tão turbulento. Foi morar na baixada do Rio Vermelho em um bairro chamado Lucaia. Muito triste com a morte da mãe e da tia, Menininha ainda teve que conviver com o conflito que envolvia a sucessão do cargo de ialorixá da casa. Todos sabiam que a herdeira direta do trono era ela, porém havia alguns problemas que cercavam essa escolha. Uma parte da casa acreditava que pela sua idade, vinte e seis anos, Maria Escolástica era muito nova e inexperiente para assumir um cargo tão importante da casa. Além disso, ela tratava uma batalha emocional interna consigo, visto que em seus planos de vida não esperava ser mãe de santo, nem carregar uma responsabilidade tão grande. Ela se viu sem saída, pois sua mãe morreu muito nova, aos quarenta e um anos e a casa necessitava de alguém que tomasse as rédeas novamente e assumisse o comando. Apesar disso manteve-se afastada da casa por um bom tempo. Estes conflitos ficam em evidência em um trecho do livro de Regina Echeverria e a Cida Nóbrega.

Menininha imaginava estar afastada das tensões e conflitos do axé e, em consequência, poupada de presenciar as disputas internas e o abandono a que terminou sendo relegada a casa do candomblé de suas antepassadas. Mas a sombra do Gantois permanecia presente em sua vida. Houve quem a advertisse de que não adiantaria fugir, pois ela ia acabar voltando para a casa do candomblé. Vira e mexe, lembrava-se do jogo que tirara para ela Manoel Lazaro Sodré Pereira, um oluô que morava na Barroquinha. Ele disse que ela ainda iria voltar para o Gantois e o que estava acontecendo não era a vontade dos orixás (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p.56).

A verdade é que entre estes conflitos o Gantois ficou de recesso por algum tempo até que tudo se resolvesse e que finalmente alguém ocupasse o cargo de ialorixá. Passaram-se dois anos para Menininha compreender de vez que aquele cargo era realmente dela. Entretanto, antes disso ela se limitava a apenas pisar no terreiro quando precisava fazer suas obrigações ou quando havia algum ritual com relação as mortes de sua mãe e sua tia. O fato mais interessante que ocorreu foi quando, ainda relutante, Menininha recebe um chamado dos Orixás, dizendo que ela teria que ocupar o cargo de ialorixá do terreiro. Ela relata da seguinte forma:

A minha confirmação como mãe-de-santo é uma história longa. Morrendo minha bisavó, Maria Julia, sucedeu-a no Terreiro do Gantois, minha tia e madrinha, Pulqueria. Depois, veio minha mãe, Maria da Gloria, que durou pouco, só dois anos. Mas, na época de Pulqueria, eu já trabalhava no ile, porque tem que haver sempre duas pessoas ajudando a ialorixá. Quando minha mãe morreu, eu deixei de ir ao

Gantois. Era mocinha, vivia com ela, e depois que ela morreu, afastei-me. Mas em fevereiro de 1922, numa missa por Pulqueria, os orixás quiseram logo escolher quem ficaria tomando conta da casa. E me escolheram. E eles mesmos me deram posse, não foram pessoas não. Primeiro foi Oxóssi, depois Xangô, Oxum, Obaluaê Eles que me deram este cargo de felicidade, que estou ocupando até o dia que Deus quiser, e Oxalá (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p.60).

Em um outro depoimento ela chega a afirmar ainda como foi difícil tomar a decisão de assumir o axé mesmo depois da confirmação, visto que assumir o comando de uma casa de candomblé era uma tarefa muito árdua, que necessitava de muita inteligência e dedicação. Nas palavras dela:

Tinha passado minha mocidade toda no recolhimento das minhas obrigações de filho-de-santo. Não tinha passado nunca por minha cabeça a ideia de substituir um dia a ialorixá na direção da roça... Quando os orixás me escolheram, não recusei porque respeito a seita. Mas balancei muito para confirmar, porque eu sei que esta obrigação é árdua, não é coisa que se pegue com uma mão só. Tem de segurar com as duas e o que a gente diz tem de ser cumprido. Isso é uma coisa de grande responsabilidade. Se esse posto fosse coisa para eu escolher, diria não. Gosto, creio, atendo, respeito, mas não queria essa responsabilidade. Isso é uma obrigação que a gente não pode nem tremer o corpo (NAZARETH, 1986, Correio da Bahia, p.3).

Apesar de todas as circunstâncias, no dia 18 de fevereiro de 1922, Maria Escolástica da Conceição Nazareth assume o posto mais alto no Terreiro do Gantois, devido principalmente ao chamado dos orixás, como relata Pai Agenor (1907-2004), em um depoimento dado a Cida Nóbrega e Regina Echeverria: “Ao morrer Pulqueria, as filhas [de santo] dela não queriam que Menininha assumisse e fizeram uma guerra muito grande. Tanto que ela assumiu mesmo assim, porque foi Xangô, Oxaguiã e Oxum que sentaram Menininha na cadeira de ialorixá” (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p. 61).

A partir desta data ela passa a ser reconhecida e chamada de Mãe Menininha do Gantois, o que de certa forma era uma forma honrosa de chamar a ialorixá do terreiro, visto que o apelido de Menininha ela já carrega desde a infância. Dessa forma, logo após tomar posto Mãe Menininha tratou de organizar a casa, colocar em dia todas as obrigações que foram negligenciadas, estabelecer novamente o respeito à hierarquia que teria se perdido por causa dos conflitos que envolviam a sucessão de Pulchéria e principalmente consolidar sua liderança através destas atitudes. Vale ressaltar que apesar de Mãe Menininha assumir o cargo em 1922, ela se mudou para vários lugares até decidir morar no Gantois em 1940, após o nascimento de

suas duas filhas. Outro fato interessante é que seu nesta época da mudança seu marido, Alvaro McDowell, não morava juntamente com ela no terreiro. Ele comprou uma casa a pouco metros de distância do terreiro e moravam separados, o que gerava um pouco de estranheza para as pessoas que viam a situação de fora.

Após sua mudança definitiva, Mãe Menininha costumava ficar permanentemente em casa, ou seja, raramente saía do terreiro, só em casos mais extremos, como para tratar dos seus problemas de saúde. Depois dos conflitos existentes no período de transição, a Ialorixá conquistou a confiança de todos aqueles que frequentavam o terreiro do alto da federação, atingindo um nível de popularidade no início da década de 1960, nunca imaginado, devido principalmente à transformação de paradigma fundamentada na valorização da cultura Afro-Brasileira, iniciada na década de 1930. Discussão essa explicada pela autora Anadelia Romo em seu livro *Brazil's Living Museum: Race, Reform and Tradition in Bahia (2010)*, no qual a autora retrata o uso do conceito da baianidade nagô. Período este em que o governo da Bahia começou a fazer uso de visões populares africanizadas para promover o estado para o país e para o mundo. Em outras palavras, o governo se apropriou da cultura afro-brasileira, antes considerada marginalizada, para promover o estado e lucrar com a vinda de turistas.

Portanto, Mãe Menininha do Gantois comandou a casa como ialorixá durante 64 anos, conquistou muitos simpatizantes, até mesmo de não religiosos, e durante esse período iniciou mais 2000 filhos e filhas de santo. Ademais, ficou popularmente conhecida pela sua essência doce e gentil, por suas atitudes em prol do candomblé, por desmistificar alguns dos muitos preconceitos para as religiões de matriz africana e, principalmente, por formar alianças muito poderosas, as quais serão mais bem exploradas nos capítulos seguintes.

4 MÃE MENININHA: A PRIMEIRA MÃE DE SANTO POP DO PAÍS

Neste capítulo iremos investigar a trajetória de Mãe Menininha a partir do momento em que ela assume o Terreiro do Gantois, em 1922, e começa conquistar espaço na hierarquia do candomblé. O intuito desta discussão é examinar o período de consolidação da figura de Mãe Menininha como a maior mãe de santo da Bahia e do Brasil. Para isto iremos demonstrar como sua rede de contatos, sua influência, seu carisma, sua personalidade, sua sagacidade e principalmente o uso da sua imagem foram imprescindíveis para atingir este patamar social, cultural e religioso.

4.1 A INTELLECTUALIDADE E MÃE MENININHA DO GANTOIS

Durante a primeira metade do século XX, principalmente entre os anos 1920 e 1930, era comum nos terreiros de Candomblé a presença das batidas policiais, que abusavam da violência física e verbal, cerceavam o direito ao culto aos orixás e vandalizavam tudo aquilo que era considerado sagrado no terreiro. Eles agiam dessa forma, amparados pela delegacia de Jogos e Costumes e pela Lei do Silêncio, como já mencionado no primeiro capítulo. Além disso, tinham o apoio da imprensa, que incentivava os abusos policiais, como também da elite da capital baiana, majoritariamente branca e católica. Vale ressaltar que a herança cultural trazida pelos escravos para o Brasil e tudo aquilo que se remetia a escravidão e a África era considerado perigoso para a classe dominante. Por isso eles a caracterizavam como bruxaria, feitiçaria e outros nomes pejorativos, a fim de exterminar permanentemente os cultos de matriz africana (BRAGA, 1995).

Para conseguir manter a casa de candomblé bem estruturada e não sofrer com os ataques policiais era preciso formar alianças com a alta sociedade e usar destas para proteger a sua comunidade e se desvencilhar do forte preconceito existente. Foi através desta estratégia que o Gantois sobreviveu até os dias atuais sem um relato oficial de perseguição policial a casa.

Desde Pulcheria que o Gantois era conhecido por manter relações estreitas com pesquisadores e intelectuais e isso o ajudou de diversas formas, como por exemplo: a manter a segurança da casa, a propagar conhecimento sobre a cultura candomblecista e ao mesmo tempo

estabelecer pacto entre a comunidade e pessoas influentes de fora do candomblé. Além disso, como essa relação também era baseada em uma troca de favores, os terreiros também tinham um papel fundamental na vida dessas pessoas influentes. Eles forneciam proteção aos seus aliados quando eles precisavam. Isso ficou nítido quando o Governo Vargas, no Estado Novo (1937-1945), perseguia seus adversários políticos e os candomblés os acolhiam e os escondiam (LANDES, 2002). A essas pessoas eram concedidos o título de “ogã”, que as caracterizam como um tipo especial de amigos e protetores do terreiro. Este cargo foi dado a pessoas importantes que frequentavam o Gantois, como os antropólogos Nina Rodrigues e Arthur Ramos, duas estudiosos que tinham acesso a alguns rituais e eram próximos tanto de Pulchéria quanto de Mãe Menininha (ECHEVERRIA; NÓBREGA, 2006). A historiadora Cida Nóbrega e a jornalista Regina Echeverria (2006) esclarecem essas alianças em um trecho da biografia sobre Mãe Menininha do Gantois:

Trata-se de uma troca simples de interesses: ao permitir que esses estudiosos tivessem algum acesso as cerimônias, rituais e ensinamentos da religião, seus adeptos não só mostravam que em sua casa não se praticavam atos horripilantes e sem moral, como também angariavam aliados influentes e de posses, a quem poderiam recorrer em casos de dificuldade. Essa sempre foi a política do negro e é uma prática que se perpetua até os dias de hoje nos terreiros. O time de ogãs de uma casa atesta a sua força e influência (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p.92).

O historiador Julio Braga ainda ressalta a importância deste cargo para as casas de Candomblé em seu livro, *A cadeira de Ogã e outros ensaios* (2009). Em um trecho deste livro ele relata sobre algumas de suas funções: “Destaco nestas anotações, para fins de análise, a figura do ogã, que teve saliente papel na intermediação de conflitos entre o grupo religioso e a sociedade baiana, muitas vezes conseguindo desviar a atenção e, em certas ocasiões, abrandando a ira policial” (BRAGA, 2009, p.40).

Julio Braga (2009) também faz uma ressalva sobre este cargo, comentando sobre a ocupação deste por certas pessoas que não são consideradas influentes, socialmente falando. Ele comenta que existe uma certa tendência generalizada em achar que só pessoas brancas da alta sociedade e de alto poder aquisitivo podem ocupar o cargo ogã. O autor refuta esta ideia relatando que essas afirmativas são de um certo exagero e que na história do candomblé o cargo também é ocupado por pessoas mais humildes que podem colaborar e participar dos serviços religiosos de maneira mais assídua. Além disso, ressalta que os ogãs tem deveres e obrigações,

e retrata que o cargo geralmente deve ser ocupado por uma pessoa que tem noção do ambiente sagrado, de como se dá o andamento dos rituais da casa e da vida daquela comunidade da qual participa. Ele ainda discorre sobre o fato de que em alguns casos, esta cadeira é ocupada por pessoas influentes e indispensáveis para as funções de protetores do candomblé. Entretanto, de modo geral, são as pessoas humildes que mais convivem no dia a dia do candomblé e no auxílio permanente dos pais e mães de santo e nos afazeres religiosos da casa.

Dessa forma, podemos considerar que a cadeira de ogã de uma casa de candomblé, como por exemplo a do Gantois, é ocupada por alguém que participa de uma rede de ajuda permanente da casa. Pessoas mantem uma troca favores contínua, que terminam gerando relações solidificadas, pautadas pelas efetividades e afetividades, as quais são confirmados pelo estabelecimento de laços religiosos consistentes (BRAGA, 2009).

Depois do entendimento do conceito de ogã, podemos dizer que cabe a/ao ialorixá/babalorixá, juntamente com a confirmação dos orixás, escolher quem serão os ogãs da casa. Sobre essa escolha, Julio Braga (2009) relata:

No plano das opções de escolha, merecem atenção especial os intelectuais, professores, médicos ou alguém que tenha se notabilizado por alguma razão na sociedade. E evidentemente se fazem mais notados por suas qualidades pessoais ou conquistas, circulam nos meios sociais, são citados nas colunas sociais e parecem usufruir do status religioso, jactando-se de revelar a condição de possuidores de título honorífico no interior dos candomblés (BRAGA, 2009, p.47-48).

Como exemplo de época podemos citar o intelectual Raimundo Nina Rodrigues, conhecido popularmente como grande pesquisador interessado nas religiões matriz africana, especialmente no candomblé. Ele conquistou a posição de ogã do Gantois devido a tudo que fez e por tudo que representou para comunidade afro-brasileira. Este foi um intelectual maranhense que se dedicava ao estudo de medicina legal e psiquiatria na cidade Salvador. Conhecido por ser o pioneiro nos estudos do candomblé na Bahia, escolheu o Gantois como um de seus principais locais de pesquisa. Seu trabalho acadêmico tinha o intuito de confirmar a teoria que o transe era uma forma de histeria da população negra, a qual ele considerava inferior as demais (FLAKSMAN, 2014). Além disso, segundo Roger Bastide (1961), ele defendia a visão de que o negro era incapaz de se relacionar e interagir com a população ocidental. Apesar dos pesares, podemos dizer que Raimundo Nina Rodrigues foi uma pessoa extremamente importante para o funcionamento do Gantois e do candomblé, considerando a relação de troca

de favores. Uma vez que frequentava assiduamente os terreiros de candomblé, formou amizades dentro da religião devido a sua pesquisa e principalmente porque tomava posições públicas contra as perseguições policiais que ocorriam na época. Atitudes estas que lhe deram um certo crédito com a comunidade religiosa, como também proporcionaram a ele a criação de vínculos mais sólidos com relação a sua participação nos rituais candomblecistas.

O próprio Nina Rodrigues em seu livro *O Animismo Fetichista do Negro Baiano*, publicado em 1935 comenta sobre a função de ogã, que exercia no terreiro Gantois:

À perseguição de que eram alvo os candomblés e a má fama em que são tidos os feiticeiros tornavam uma necessidade a procura de protetores fortes e poderosos que garantissem a tolerância da polícia. A estes protetores, que podem ser iniciados ou não, mas que acreditam na feitiçaria, ou têm um interesse qualquer nos candomblés, dão eles em recompensa o título e as honras de ogãs (RODRIGUES, 1935, p.70).

Além de Nina Rodrigues, o Gantois possuía outros ogãs de expressão naquela época. Já supracitado, o doutor Arthur Ramos, era um médico conceituado na Bahia, que também frequentava a casa e lá fazia pesquisas. Deste trabalho de investigação tanto no Gantois como em outros terreiros, publicou um livro intitulado, *Introdução à Antropologia brasileira (1942)*. Além disso, era um grande fã do trabalho de Nina Rodrigues e inclusive foi o responsável por fundar o Instituto Nina Rodrigues, local onde trabalhava como médico legista. Devido ao seu trabalho em prol do candomblé, o intelectual também se tornou ogã da casa com objetivo de consolidar os laços entre a comunidade e os pesquisadores. Vale ressaltar que ele teve uma participação importante na valorização da cultura negra, a partir do momento que assumiu a direção do departamento de Ciências Sociais na UNESCO e instituiu um programa de pesquisa sobre as relações raciais no Brasil. Isto proporcionou a chegada de pesquisadores americanos ao nosso país, através do auxílio financeiro pago pelo projeto, que tinha como objetivo de estudar este tema na Bahia. Apesar de todos esses feitos, há quem o considere um “antropólogo de gabinete”, como foi o caso da antropóloga americana Ruth Landes. (FLAKSMAN, 2014).

Além dos dois intelectuais citados, que eram ogãs da casa, o Gantois tinha uma relação muito boa com vários pesquisadores/intelectuais que eram simpatizantes da cultura negra afro-brasileira, como também do candomblé e que constantemente estavam presentes na casa. De acordo com Ordep Serra (2002), em seu laudo antropológico produzido sobre o Ilê Axé Iyá

Omi Iyamassé, há uma vasta bibliografia produzida sobre a casa devido ao símbolo significativo que aquele espaço tinha.

Deste modo é possível compreender Axé Iyá Omi Iyamassé representava um espaço cultural reconhecido e admirado por grande parte dos intelectuais da Bahia, do Brasil e até mesmo de fora do país. O terreiro era um campo de estudo extremamente rico e que só alguns tinham acesso. Essa afinidade e permissão para transitar no Gantois era um benefício que os pesquisadores tinham, as vezes por pertencer ao terreiro e ter o cargo de ogã, como também pela proximidade e simpatia que alguns deles tinham pelos líderes religiosos, como era o caso de Pulcheria e Mãe Menininha, que mantinham várias relações para além dos muros dos terreiros. Elas sabiam da importância dessas relações para o funcionamento do terreiro, uma vez que se constituíam num modo de combate ao preconceito, pois através dessas amizades era possível ocupar espaços da alta sociedade (academia) e sobretudo usá-la como uma forma de proteção contra a perseguição sociedade baiana e da polícia.

Logo, assim como Julio Braga (2009) e Nina Rodrigues (1935) ainda na virada do século XX ressaltam em suas obras, é possível identificar como o candomblé se valeu desse jogo de alianças em seus momentos de grandes dificuldades. É preciso deixar claro que estas relações de interesse mútuo foram estabelecidas com outros personagens importantes socialmente falando, mesmo que não fossem ogãs de alguma casa de candomblé, pois muitas pessoas da alta sociedade consideravam e respeitavam a dona Escolástica, modo como os mais distantes chamavam Mãe Menininha (LANDES, 2002). Após assumir o cargo mais alto do Gantois em 1922, esse tipo de abertura para algumas celebridades aumentou, visto que muitos tinham grande interesse em conhecer a pessoa que tanto admiravam. Alguns tinham interesse acadêmico na cultura candomblecista e precisavam estabelecer relações para ter acesso a estes espaços.

Podemos citar o caso de Edison Carneiro (1912-1972) como exemplo disto, que foi da segunda geração de estudiosos, juntamente com Arthur Ramos, e começou a estudar a cultura africana e seus descendentes a partir da década de 1930. Ele era negro, baiano, bacharel em direito e exercia a profissão de jornalista e escritor. De acordo com Julio Braga (2009), Edison Carneiro se beneficiou muito pelo fato de ser ogã suspenso do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, dirigido na época por Mãe Aninha, de maneira que o cargo facilitava seu acesso a diversas casas de candomblé e ajudava-o em seus estudos e pesquisas sobre a religiosidade afro-brasileira. Entretanto é importante frisar que Edson Carneiro foi uma das figuras mais combativas na defesa da religião negra na Bahia e fora dela (BRAGA, 2009). Segundo Cida Nóbrega e Regina

Echeverria (2006), ele até mesmo usava da sua coluna em jornais para divulgar o Candomblé de forma positiva e de maneira inédita tratava de assuntos ligados a tradição da religião dos descendentes de escravos. Deste modo pode-se considerar que Édison Carneiro tinha propriedade e intimidade para escrever sobre o que se passava em muitas dessas comunidades religiosas, principalmente o Gantois, um dos seus campos de pesquisas mais explorados. A sua atuação na área ganhou ainda mais respaldo quando ele fez parte como um dos líderes da organização do II Congresso Afro-Brasileiro, realizado na Bahia entre os dias 10 e 19 de janeiro de 1937. Para este congresso Edison Carneiro convidou diversos líderes religiosos dos cultos afro da Bahia, dentre eles, Mãe Aninha, Mãe Menininha do Gantois, naquela altura com 43 anos de idade, o babalaô Martiniano Bonfim, importante líder religioso de Salvador do início do século XX e entre outros.

A partir deste evento, Edison Carneiro atingiu um público mais amplo, agregou novos adeptos ao estudo da religião dos africanos e ganhou o apoio do Governo da Bahia (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). O estado passou a considerar e adotar as manifestações culturais africanas como uma espécie de identidade do povo baiano. Há de referir que muitas pessoas de diversas partes do país que não conheciam sobre a cultura africana ficaram interessadas e vieram prestigiar o congresso. O evento ainda contou com a participação de pesquisadores de fora do país, mais especificamente dos Estados Unidos (EUA), como foi o caso de Donald Pierson e Melville Herskovits, que não conseguiu vir ao Brasil, mas mandou um paper para se apresentado. O cubano Salvador Garcia Agüero também participou do congresso (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006).

Deve-se ressaltar que este congresso trouxe em pauta uma discussão extremamente importante para época, o debate sobre a garantia da liberdade religiosa do negro baiano e dos seus descendentes. Foi decidido no evento que o primeiro passo a ser dado em prol desta pauta seria a criação da União das Seitas Afro-Brasileiras. O órgão foi criado em 3 de agosto de 1937 e tinha por objetivo substituir a polícia no controle sob as práticas religiosas de matriz africanas (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). Apesar da criação do órgão de gestão, de acordo com Roger Bastide (1961), ele era apenas uma demonstração de uma instituição artificial, visto que não tinha nada de africano nas suas origens e deixava uma grande autonomia para cada candomblé fazer o que bem entendesse. Entretanto, é válido destacar que este primeiro passo foi de extrema importância para criação e consolidação do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). De acordo com Waldir Freitas Oliveira (1987), Edison Carneiro mantinha um contato intenso com as tradições de origem africana e já

havia idealizado muito antes de 1950 a criação de um Instituto Afro-Brasileiro. Desta maneira, podemos afirmar que esta criação foi herança de Edison Carneiro, uma vez que o CEAO nasceu em 1959. O centro de estudos teve papel fundamental na aproximação entre o povo de santo e os acadêmicos, visto que organizava cursos sobre diversos assuntos para os interessados, promoveu intercâmbios de pesquisadores africanos na UFBA, colaborou também com o Itamaraty brasileiro quando se tratava de assuntos africanos e teve grande participação na criação do Museu do Negro em Salvador (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006; REIS, 2018).

Além de Edison Carneiro podemos citar um outro olhar intelectual que esteve e conviveu no Gantois, com Mãe Menininha, e que, inclusive, escreveu um livro relatando como foi esta experiência. Trata-se da pesquisadora estadunidense Ruth Landes, que chegou ao Brasil no final dos anos 1930 e produziu uma obra chamada *A Cidade das Mulheres* em 1947. Este livro é relato sobre a cidade de Salvador e a memória de personagens históricos importantes na construção deste campo antropológico. Vale frisar que este trabalho foi fundamental para sua pesquisa sobre as relações raciais no Brasil e isso se deve principalmente pelo acesso que ela teve a diversos terreiros de candomblé, os quais foram seus campos de estudo e de muita aprendizagem. Essa acessibilidade de Ruth Landes aos terreiros de candomblé e principalmente ao Gantois, foi facilitada na época por Edison Carneiro que foi a pessoa que intermediou sua entrada em vários destes espaços culturais. Ele também foi responsável pela vinculação social de Ruth Landes ao meio intelectual baiano. Através dele, ela teve contato com Jorge Amado (1912-2001), Estácio de Lima (1897-1984), dentre outros estudiosos importantes que tinham acesso aos terreiros. O que de certa forma dava respaldo também a sua entrada e conseqüentemente a colocar em prática suas pesquisas antropológicas (LANDES, 2002).

Ademais, é relevante destacar que esta presença de intelectuais no Terreiro do Gantois era comum a todos que frequentavam a casa. Uma testemunha disto foi Carmen, filha de Mãe Menininha, que ainda na sua infância lembra da presença do doutor Estácio de Lima dando aulas no Gantois (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). Isso só confirma quão rotineira era a presença destas pessoas na casa e a importância delas nessa relação de troca de favores. Através destas relações, Mãe Menininha ganhava apoio de pessoas relevantes da alta sociedade, consolidava sua imagem como uma das principais mães de santo do Brasil, valorizava as religiões de matriz africana e ao mesmo tempo protegia seu terreiro das batidas policiais. Há de se ressaltar o aspecto político que havia por trás dessas relações, as quais aos poucos foram abrindo diversas portas para Mãe Menininha e para a desmitificação do preconceito para com o Candomblé.

Foi nesta mesma época, por volta do fim dos anos 1930, após a morte de Mãe Aninha (1869-1938), que Mãe Menininha foi considerada na hierarquia do candomblé baiano a maior mãe de santo viva, juntamente com Mãe Senhora (1890-1967), mesmo sendo jovem para a época nos padrões afro-brasileiros (LANDES, 2002). A antropóloga Ruth Landes, ainda enfatiza o fato dela ser tão admirada ao ponto de virar uma personalidade:

Outros também a conheciam. Entre esses, alguns frades do convento de São Francisco que realizavam um estudo científico das crenças fetichistas do culto, e o padre Barbosa, vigário da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia e guardião dos arquivos de sua velha irmandade de negros libertos. Havia também um médico alemão, um diplomata italiano e vários escritores que a conheciam. Era uma personalidade (LANDES, 2002, p. 120, 121).

O fato dela ter se tornado uma das principais mães de santo da Bahia e conseqüente uma referência no país, foi noticiado em vários jornais e revistas pelo país. Mais tarde, após a morte de Mãe Senhora, ela se consolidou de vez como a principal referência na religião candomblecista. A Revista Manchete chegou a publicar uma matéria que relatava o enterro. Publicada na cidade do Rio de Janeiro no dia 18 de março de 1967 a matéria extensa tratava sobre a morte de Mãe Senhora e relatava um pouco sobre como ficaria o povo de santo com esta perda. Mostrava também a importância de Mãe Menininha para realização das obrigações fúnebres de sua amiga, visto que não havia ninguém que pudesse fazê-las, devido a importância que Mãe Senhora tinha na hierarquia do candomblé. A referida matéria foi escrita pelo romancista Jorge Amado, o qual possuía uma coluna na revista e relatou o fato de forma vívida, já que era filho de santo da falecida e convivia no meio dos terreiros de candomblé há um tempo considerável. Após a morte de Senhora ele aproximou-se muito de Menininha e tinha um carinho enorme por ela. Neste trecho retirado da matéria, poderemos compreender melhor a situação a partir das palavras do autor:

Mãe Senhora morreu de manhãzinha, na véspera cumprira obrigações de santo até tarde, noite adentro. A morte a alcançou na hora do primeiro sol e seu corpo ocupou, imenso, a casa de Oxalá. A notícia desceu para a cidade: obás, ogãs, filhos e filhas-de-santo dirigiram-se para os caminhos de São Gonçalo, onde se ergue o terreiro. À cidade foi tomada de surpresa e comoção, um impacto violento. Na vida dessa cidade da Bahia que não se parece com nenhuma outra, a iyalorixá Senhora era uma figura das mais importantes, guardiã de tradições e de rituais que resistiram a tôdas as perseguições, que superaram a desgraça da escravidão, que trouxeram os bens da dança e do canto até os dias de hoje. No complexo cultural baiano (e brasileiro), pois

a Bahia é a matriz inicial e fundamental), o povo tem o primeiro lugar, o papel definitivo. Quem presidiu as obrigações do axexê, das cerimônias fúnebres, foi outra famosa mãe-de-santo: a iyalorixá Menininha do Gantois, irmã-de-santo da falecida e sua grande amiga. Veio de seu Terreiro do Gantois, de onde quase nunca sai, para as pesadas tarefas de egun. Nenhuma outra mãe-de-santo poderia fazê-lo, devido à qualidade da falecida e à sua importância. Numa sutil hierarquia que não é imposta por nenhum decreto, Senhora estava praticamente acima das demais, só Menininha era sua igual no conhecimento e na experiência (AMADO, 1967, p. 109).

Um conjunto de fatores influenciou Mãe Menininha a se tornar mais que uma simples mãe de santo. Além de ser uma figura atuante do ponto de vista da resistência cultural, como várias outras foram, ela alcançou e ocupou espaços que para aquela época nunca se imaginava que uma mulher negra, descendente de africana e defensora das religiões afro fosse capaz. Ainda mais porque vivia-se em uma sociedade dominada intelectualmente e politicamente por elite branca, majoritariamente católica e recheada de preconceito. Um dos seus feitos inéditos que foram de extrema importância para representatividade negra feminina e africana foi quando ela começou a frequentar as missas da igreja católica, com as vestes comuns do candomblé (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). Isto demonstra a capacidade que ela tinha de conquistar seu espaço na base da diplomacia e na formação de alianças.

4.2 A MÚSICA E MÃE MENININHA DO GANTOIS

Quando falamos de candomblé, é impossível não falar de música, afinal como disse Gilberto Gil³, a música é uma das colunas mestras do candomblé. Ele ainda comenta que, quem frequenta e conhece um pouco sobre esta religião tem ciência de que o candomblé é uma atividade religiosa que tem uma presença fortíssima do canto, da dança, dos instrumentos de percussão, logo é uma religião que se expressa através da música. Como exemplos de alguns instrumentos usados no candomblé temos os atabaques, que são divididos em três, (rum, rumpi, lê) o agogô, o adijá, o xequerê e entre outros inúmeros usados de acordo com cada terreiro.

³ Comentário feito por Gilberto Gil em documentário chamado, Agbara Dudu – Narrativas Negras. O depoimento foi dado como parte do episódio, A mão da doçura, Mãe Menininha do Gantois.

Desta maneira, a história de Mãe Menininha como uma das maiores ialorixás deste país não poderia se desassociar da música, arte que foi muito marcante durante toda sua trajetória.

Essa história entre o Gantois e a música começa na fundação do terreiro através da figura de dois africanos, Maria Júlia da Conceição Nazareth e seu marido Francisco de Nazareth d'Etra, bisavós de Mãe Menininha. De acordo com a pesquisadora Lisa Earl Castillo, em uma entrevista dada ao seriado produzido pela Truque, *Agabara Dudu – Narrativas Negras (2020)*, Francisco Nazareth era barbeiro e naquela época os barbeiros, na sua grande maioria, como eram africanos, tinham outras habilidades além de cortar cabelo. Além de barbeiros eles funcionavam como uma espécie de médicos, arrancavam dentes, faziam processos de cura diversas e dentre outras atividades. No caso de Francisco, ele também era músico e tinha uma intimidade com uma grande variedade de instrumentos.

O primeiro contato de Francisco de Nazareth d'Etra com a música foi através do seu senhor, outro africano jêje, que além de lhe ensinar sobre barbearia o convidou para ensaiar algumas vezes com sua banda. Isso ocorria rotineiramente, uma vez que a banda ensaiava na própria casa do seu senhor, local onde Francisco morava. Essa banda tocava nas lavagens da cidade de Salvador, segundo Castillo (2017), chegou até a tocar na conhecida lavagem do Bonfim. Deste modo, é de conhecimento geral que havia uma relação histórica entre as pessoas que frequentavam o Terreiro do Gantois e o dom musical.

Podemos dizer que com Mãe Menininha não foi diferente. A música se fez presente durante toda sua vida e foi fundamental em vários aspectos que marcaram sua trajetória. Segundo Lisa Earl Castillo (2017), a música foi um dos pilares essenciais que ajudaram a dar visibilidade social ao candomblé na Bahia e no Brasil, principalmente ao Terreiro do Gantois e consequentemente a figura sua ialorixá que na época era Mãe Menininha.

No fim da década de 1960 e começo dos anos de 1970, período em que Mãe Menininha estava se consolidando como a maior mãe de santo em vida no país, sua popularidade aumentou consideravelmente, especialmente após a morte de Mãe Senhora. Isso não ocorria por vontade dela, mas por conta da sua sabedoria, personalidade, doçura, leveza, dentre os inúmeros aspectos admiráveis da sua personalidade. Segundo Carmen, sua filha mais nova, ela tratava todos da mesma maneira e atendia inúmeras pessoas que iam atrás de sua benção na porta do terreiro, desde os mais pobres até os considerados da alta sociedade (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). Além disso é relevante frisar que esta virada de década, tornou mais popular a religião candomblecista e transformou os líderes religiosos em pessoas de influência social, cultural e política inquestionáveis, pessoas que eram capazes de exercer uma pressão no

plano político e social. Mãe Menininha foi uma delas (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). Foi nesta mesma época que músicos de renome nacional começaram a ter curiosidades sobre a cultura candomblecista e vontade de conhecer a figura de Mãe Menininha do Gantois.

O primeiro com que ela teve contato e conheceu mais a fundo foi o poeta Vinícius de Moraes (1913-1980), nascido do Rio de Janeiro, veio visitar e conhecer Menininha por intermédio de Jorge Amado. Vinicius De Moraes frequentava assiduamente o Gantois e Mãe Menininha o considerava como um filho. Com ele mantinha uma relação de amizade íntima. Passavam vários dias juntos conversando sobre a vida e a carreira do poeta. Uma filha de Vinicius, Suzana de Moraes, chegou até a dar um depoimento para o livro de Cida Nóbrega e Regina Echeverria, publicado em 2006, relatando a forma como o pai admirava Mãe Menininha do Gantois.

Ele era louco por Mae Menininha, era uma paixão, uma coisa superimportante para ele. Vinicius teve um desastre de avião violentíssimo, quando era mocinho, em que morreu uma pessoa. Ele ficou traumatizado. Fazia manobras inacreditáveis para não tomar um avião ou, quando era inevitável, embarcava bêbado feito uma cabra e até o pescoço de tranquilizante. Menininha tirou isso dele com uma frase, segundo me contou. 167 "Ela disse para mim: - Não, meu filho, que bobagem, não pensa no fim, não. Pensa no começo". Uma frase assim, óbvia e muito simples. Mas aquilo causou um efeito [...]. Ele me contou isso como se estivesse revelando um enigma inacreditável. (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p. 167).

Além de Vinicius de Moraes, a ialorixá tinha relação com um outro músico também reconhecido nacionalmente por compor suas músicas baseadas nos costumes e tradições do povo baiano. Dorival Caymmi (1914-2008), nascido em Salvador na Bahia, muito cedo se mudou para o Rio de Janeiro – RJ, entretanto em uma de suas vindas a capital baiana conheceu o Gantois de perto. Ele era filho de santo do terreiro Axé Opo Afonjá, mas criou um carinho especial pelo Gantois e principalmente por Mãe Menininha, a quem tinha como sua mãe. Nas palavras do músico, através depoimento dado a Cida Nóbrega e Regina Echeverria (2006), ele relata como conheceu o terreiro e como era sua relação com a ialorixá:

Um dia, fui apresentado a ela. Foi assim que conheci aquela figura: sentada na cama, rodeada pelas bolsas - tipo necessaire. Eram muitas. Ela abria e eu ficava encantado. Ela me chamava de senhor. Tinha uns cartões que mandavam fazer para ela: Maria Escolástica da Conceição Nazaré. Este era o nome dela, um nome nobre. E eu doído para vê-la em ação, e não via por que ela se sentava ali e ali ficava. Nessa época, eu ia e ficava lá sentado no barracão, olhando a Iemanjá pintada na parede, via o lugar

onde ela se sentava durante as cerimônias. E eu me sentava ali e ficava tranquilo, passando o tempo. Ninguém me amolava. Às vezes, ficava admirando aquela paisagem a volta e me lembrando do dia da festa de Oxalá, quando se ia buscar a água lá embaixo, se descia ali por trás, de madrugada. Na última de que participei, Vinicius de Moraes estava lá. Nesse dia, o filho dele queria filmar e eu falei que não fizesse aquilo, que ali não se podia. Ele teimoso, foi quando chegou um xerife, que estava ali num canto - sempre tem um -, e disse: "Olha amigo, pode não. Saia daí, aqui e silêncio. Não pode filmar nem fotografar. (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p. 165).

Através das palavras de Caymmi é possível enxergar o quanto ele valorizava a relação que tinha com Mãe Menininha, o quanto a admirava e a respeitava. Foram esses sentimentos vigorosos que foram transformados em uma bela canção, *Oração de Mãe Menininha (1972)*, composta por ele e que foi lançada junto com seu novo disco, que na época também teria uma outra canção sobre o candomblé em parceria com Jorge Amado chamada Canto de Obá. O jornal carioca intitulado *Jornal do Brasil*⁴ noticiou no dia 22 de setembro de 1972 os preparativos para o lançamento do disco, que aconteceu em outubro daquele mesmo ano. O periódico discorria sobre a vontade de Jorge Amado em lançar o disco no Terreiro do Gantois, fugindo do padrão da época. Ao mesmo tempo, a notícia retrata o convite feito por autoridades políticas baianas, na figura do governador Antônio Carlos Magalhães, para lançar o disco no Palácio Rio Branco, onde era a antiga sede do governo da Bahia, localizado na Praça Tomé de Souza. Apesar da vontade de ambos os artistas, por problemas de logística, o lançamento acabou ocorrendo no palácio do Rio Branco, num grande show em praça pública para coroar o seu aclamado disco, assim como noticiou o *Jornal do Brasil* no dia 4 de novembro de 1972.

Mãe Menininha que já era uma pessoa conhecida, passou a ser uma celebridade em todo país, ou seja, os frutos da música proporcionaram uma espécie de consolidação do reconhecimento da ialorixá mais famosa do Brasil. A partir daí todos queriam ter a oportunidade conhecê-la, ver de perto quem era a “flor mais bonita”, assim como relatava Caymmi.⁵

Um fato interessante que ocorria com frequência era o terreiro estar lotado no mês de fevereiro, mês do aniversário dela. A visita era tão concorrida que algumas pessoas marcavam presença em um ano confirmando a ida no próximo. Em uma entrevista que deu ao *Jornal do Brasil* em fevereiro 1974, Mãe Menininha contou sobre a emoção que sentiu quando escutou a música pela primeira vez. No depoimento ela dizia: “onde é que esse homem foi levar meu nome?”, abismada com o fato da grande repercussão que a música teve. Ela ainda complementa

⁴ Dorival Caymmi lançará seu disco em terreiro de macumba ou no palácio. *Jornal do Brasil*, 22 setembro, 1972, p. 10.

⁵ CAYMMI, D. *Oração de Mãe Menininha*. Salvador: Odeon: 1972.

retratando o momento quando ouviu a música na voz de Gal Costa e Maria Bethânia: “Água me veio nos olhos. Será que eu mereço tanto? Eu nunca esperei uma coisa dessas. Mas fiquei... não sei... chorei. Mas que coisa tocante. Senti, assim, uma alegria desconhecida, olhando para a televisão” (EUGENIO, 2018).

Como cantava Caymmi, “A estrela mais linda” contou em uma das suas entrevistas ao jornalista Ramalho Neto⁶ como era sua relação com Dorival Caymmi, Vinicius de Moraes e Jorge Amado. Assim como Caymmi tinha uma grande admiração por ela, a recíproca era verdadeira. Assim dizia:

Três amigos do meu coração. Três amigos da minha confiança. O senhor Jorge, apesar de não ser da nossa roça, e de uma casa irmã da nossa, e considero como amigo, filho e pai. Dorival Caymmi faz parte da mesma roça que o senhor Jorge Amado, porém o considero também como amigo e filho do coração. E Vinicius de Moraes e da nossa casa. E um filho querido, amado e de inteira confiança. Todos os três. (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p. 170).

Dentre os inúmeros músicos que conviveram com Mãe Menininha do Gantois e tiveram um papel relevante na sua trajetória, a cantora Maria Bethânia também merece destaque. A cantora conheceu a ialorixá no início dos anos 70, quando foi trazida ao Gantois por seu amigo, Vinicius de Moraes, que já frequentava a casa e era filho de santo de Mãe Menininha. A baiana de Santo Amaro da Purificação, que era de família católica, apaixonou-se pela ialorixá ao ponto de sentir que já era uma filha do Gantois há muito tempo. Esse encontro aconteceu ainda no princípio da carreira de Maria Bethânia, momento em que ela tinha começado a ganhar fama após substituir Nara Leão no show *Opinião*. Em Nóbrega e Echevarría (2006) ela revela como foi seu primeiro encontro com a mãe de santo:

Ela estava linda, contando histórias fascinantes. Jogava os búzios e brincava comigo e com a mulher de Vinicius, porque nós temos o mesmo orixá. Senti que eu era filha dela, que pertencia àquela casa, aquele axé, desde antes de nascer. Tive a oportunidade e pude aproveitar muito da lucidez dela, do encantamento com a religião, da maneira como ela nos apresentava a religião. E a alegria que demonstrava ao contar as lendas, cantar as cantigas que permeavam as lendas. Assim, como se estivesse ensinando sem ensinar. Uma sabedoria única! Quieta e suave. Não me lembro de nada mais suave do

⁶ NAZARETH, M. E. da C. Entrevista a Ramalho Neto. In: Mae Menininha do Gantois, LP 034 405 140• Phonodisc / Continental.

que ela, só mesmo a expressão de Nossa Senhora. (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p. 171).

Pelo relato de Bethânia podemos perceber a forma como Mãe Menininha cativava quem a conhecia. Até por isto que toda a família dela admirava bastante a ialorixá, até mesmo seus pais, José Telles Veloso e a Dona Canô. Ela conta que seu irmão, Caetano Veloso, também se iniciou no candomblé na casa e costumava ir ao Gantois junto com seu pai. Relata ainda que desde que ela e seu irmão foram iniciados no Candomblé por Mãe Menininha, sempre estavam no terreiro com uma certa frequência, visto que precisavam cumprir as obrigações estabelecidas pela religião. Mãe Menininha passou a ser para Bethânia uma espécie de guia espiritual, que a consultava sempre que precisava fazer algo importante em sua vida artística e pessoal.

Caetano Veloso chegou a diversas vezes a testemunhar publicamente a admiração que tinha por sua mãe de santo. Em uma entrevista dada ao *Correio da Bahia*⁷ em 10 de fevereiro de 1984, quando Mãe Menininha completou seus 90 anos, ele declarou:

Ela é a mais antiga, a mais nobre remanescente da tradição clássica ioruba, na Bahia, no Brasil ... Por outro lado, e uma pessoa humana maravilhosa, grandiosa, doce, tudo aquilo que o Caymmi disse na letra da música dele. Aquela música espetacular, ninguém poderia dizer melhor! (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p. 173).

Vale ressaltar que era por meios destes artistas que Mãe Menininha ia sendo apresentada a outras importantes figuras da música brasileira. Foi assim com Maria Bethânia e com Gal Costa. Esta última foi apresentada a Mãe Menininha por Bethânia, após lançarem a versão famosa da canção *Oração de Mãe Menininha*. Gal também virou sua filha de santo e dali estabeleceu-se uma relação muito próxima.

Outro artista de renome que frequentou o terreiro nesta mesma época foi Gilberto Gil. Em 1972, quando voltou do exílio cumprido durante a Ditadura Militar, foi juntamente com Bethânia e Caetano, conhecer a famosa mão de santo. De modo geral estes artistas se aproximavam do candomblé pela curiosidade de conhecer a cultura, visto que a grande maioria deles era católica. Além disso, eram interessados na figura de Mãe Menininha, pois naquela época ela era basicamente uma entidade e sua fama trazia todo mundo para perto do Gantois.

⁷ *Correio da Bahia*, Salvador, 10 fev. 1984, p. 1

Com Gilberto Gil não foi diferente, ele se descobriu através dela no candomblé, descobriu seus santos, Logum Edé e Xangô sendo cativado de forma tal que passou três dias seguidos aprendendo com ela, consultando-a. É importante lembrar que Gil nunca teve qualquer ligação com o candomblé antes de conhecer Mãe Menininha. Foi a partir dela que ele demonstrou interesse pela cultura e pelo estudo do negro e suas manifestações (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). De acordo com ele, em uma entrevista dada a Cida Nóbrega e Regina Echeverria (2006), Mãe Menininha foi a primeira mãe de santo pop. Ele relata:

Hoje em dia, eu acho que ela se insere numa tradição de grandes mães, de muitas que tiveram papel parecido com o dela, tiveram estatura tão grande quanto a dela, como é o caso de Aninha, de Senhora, de Pulqueria, de Olga, também bastante populares. O que talvez as diferencie é que Menininha foi a primeira pop. A primeira mãe-de-santo pop. Hoje, eu vejo um pouco assim: ela foi uma especial entre as especiais. Uma grande figura, muito doce e muito acolhedora. Estava sempre com um sorriso imenso, e era como se a mediação dos búzios já fosse secundária. Ela parecia falar diretamente com os orixás. (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p. 174).

Suas atitudes e sua personalidade a transformaram em uma mãe de santo diferente de todas aquelas citadas acima. Ela foi uma ialorixá que representou a cultura africana, as lutas sociais e políticas contra a repressão policial para com o candomblé, sem afrontar as autoridades. Ela soube usar da sua influência para conquistar alianças de suma importância para desmistificação do preconceito com relação as religiões de matriz africana. Logo, diversas das suas atitudes a transformaram em uma mãe de santo pop. Como relata o antropólogo e babalorixá, Pai Rodney em um artigo escrito para o periódico *Carta Capital* em abril de 2018:

Vê-se aqui o exemplo de alguém que mesmo idosa superou suas dificuldades, tanto físicas quanto sociais, e manteve sua dignidade e autonomia até o último dia de sua vida. Por isso tornou-se uma expoente da categoria dos “mais velhos”: cumpriu um papel de protagonista, transformando-se num símbolo do poder que emana dos orixás, a grande mãe da Bahia, a grande mãe do Brasil. (EUGENIO, 2018, p.2).

Mãe Menininha se tornou uma figura tão popular e assediada que virou inspiração para vários artistas, recebeu diversos prêmios e foi homenageada muitas vezes em diferentes vieses artísticos. Segundo Nóbrega e Echeverria (2006) seu staff chegava até ficar preocupado com a quantidade de jornalistas e fotógrafos de jornais e de TV que apareciam para conseguir uma

entrevista ou alguma foto dela. Era de costume das suas filhas preservar a imagem da mãe e evitar esse assédio imenso que ocorria. Até por isso elas não autorizavam na maioria das vezes nem que fossem tiradas fotografias dela.

Apesar de toda fama e popularidade, Mãe Menininha do Gantois procurava se resguardar e principalmente resguardar a tradição e os segredos do candomblé. Ela dizia que com essas mudanças culturais a fé e o respeito aos orixás teriam se perdido. De acordo com ela, esses novos frequentadores do candomblé tinham mais curiosidade do que fé, o que certa forma prejudicava a religião. Ela explicou que essa mudança ocorreu quando pessoas de maior poder aquisitivo começaram a conhecer o candomblé e reiterou que o candomblé sempre foi uma religião de gente pobre. Afirmou ainda que a curiosidade chegou a um patamar inimaginável e que as pessoas responsáveis por zelar o culto teriam que tomar o máximo de cuidado. Finalizou dizendo que apesar de tudo, este assédio ao candomblé não faz mal, pois ela sabe até onde pode ir. Sabe dosar, o que pode e o que não pode ser dito (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006).

Entre o final década de 1960 e o início da década de 1970 a popularidade do candomblé e de Mãe Menininha do Gantois aumentaram, principalmente devido as manifestações artísticas. Nesse período ela conquistou espaços nunca ocupados por uma ialorixá e soube, através do seu jogo de cintura, lidar com os conflitos políticos, sociais e culturais sem gerar grande tumulto. Vale lembrar que a música foi muito importante nesta mudança, pois foi um dos meios usados pelos artistas e por Mãe Menininha para demonstrar a cultura africana e desmistificar o preconceito existente. Sendo assim, apesar de toda essa abertura para a curiosidade cultural, Maria Escolástica soube lidar com assédio tremendo ao seu terreiro e aos costumes ligados a seita do candomblé, que só os iniciados poderiam ter acesso e dessa maneira conseguiu preservar a cultura como uma eximia ialorixá deve fazer.

4.3 MÃE MENININHA, IDENTIDADE, POLÍTICA E FUTEBOL

A partir de 1930 a imagem que se tinha sobre o candomblé como uma cultura marginalizada de ex-escravos foi sendo apaziguada pelo conhecimento e discussão sobre a cultura negra. Naquele momento, o estado da Bahia, ainda que receoso, ajudou neste processo transformação cultural principalmente por causa do sucesso que tinha sido o Segundo

Congresso Afro-Brasileiro, na Bahia. Como discutido anteriormente, o congresso organizado pelos intelectuais da escola de Nina Rodrigues buscava uma solução para coibição policial existente na Bahia, em prol da união dos candomblés em um único instituto de proteção as casas. O evento conquistou a simpatia de todos aqueles que participaram e passou a ser o marco da mudança cultural, visto que a partir daquele momento a Bahia passou a usar visões populares africanizadas do estado para se promover ao resto do Brasil e do mundo: a ideia baianidade nagô (ROMO, 2010). Esse movimento de transformação cultural, de certa forma foi desmitificando um pouco do preconceito existente para com as manifestações culturais negras, a quais eram consideradas prática de curandeirismo e feitiçaria desde os anos 1920, de acordo com a delegacia de Jogos e Costumes e a legislação da época. Apesar da valorização cultural africana, entre as décadas de 1920 e 1930 houve um movimento elitista da população majoritariamente branca em prol da desafricanização brasileira e extinção das celebrações de cultura popular (ROMO, 2010).

Entretanto, apesar das diversas formas de preconceito estampados em matérias jornalísticas, a valorização das manifestações culturais africanas se intensificou ainda mais nos anos 1970, a partir da sua divulgação através da arte em poesia, música, publicidade e propagandas, entre outras. Assim descreve Nóbrega e Echeverria (2006), quando comenta sobre o sucesso da música de Caymmi em homenagem a Mãe Menininha:

O momento inspirado do compositor baiano foi a coroação de um novo tempo, em que artistas, intelectuais, políticos e a sociedade, antes incrédula e até preconceituosa, elevaram o nome do terreiro e de sua ialorixá a lugares e sentimentos nunca antes navegados e experimentados. (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p. 158).

Criou-se uma espécie de identidade do povo baiano, baseada na cultura popular negra afro-brasileira. Assim, a figura de Mãe Menininha foi ganhando destaque e espaço nos diversos meios de comunicação, de maneira que sua presença era requisitada em vários programas televisivos, entrevistas jornalísticas e em propagandas em geral. Isso ocorreu porque sua imagem passou a ser valorizada pelo povo, virando uma espécie de referência religiosa e social. Todos queriam ter a oportunidade de estar de frente àquela que era conhecida como a “mão da doçura” e a “mãe da sabedoria”.

A imagem de Mãe Menininha foi muito utilizada de diversas formas e era interessante a forma como ela era interpretada nos diversos veículos de imprensa. Além de ser uma forte

figura de resistência à repressão policial, sua imagem era projetada como uma pessoa sábia, pacífica, bondosa, caridosa e sobretudo como uma figura materna. Através do uso dessa imagem construída pelos meios de comunicação de massa e da sua sagacidade política, Mãe Menininha do Gantois foi capaz de angariar o apoio de pessoas importantes da sociedade baiana e até mesmo do país como um todo, no que diz respeito aos aspectos sociais, políticos e culturais. De acordo com Rodney William Eugênio (2018), ela foi um ícone, visto que conseguiu sintetizar os valores universais de humanismo, de maneira que sua figura transcende todas as divergências existentes entre seus admiradores. Assim como disse Jorge Amado, no livro *Bahia de Todos os Santos* (2012):

Menininha do Gantois está acima de toda e qualquer divergência de ordem política, econômica ou religiosa. É a ialorixá de todo o povo da Bahia, sua mão se estende protetora sobre a cidade. Não se trata nem de misticismo, nem de folclore, e sim de uma realidade do mistério baiano (AMADO, 2012, p.30).

Esse status de prestígio social adquirido por ela só se confirmava a cada ano que passava, pois pessoas de muitos lugares do mundo vieram visitá-la, desde figuras importantes no meio político, músicos, artistas, intelectuais, atrizes, atores e até mesmo atletas reconhecidos pelo talento com os pés dentro do campo de futebol. Alguns deles ficaram marcados, como a visita do Rei Pelé, jogador do Santos Futebol Clube, conhecido por ser o maior futebolista de todos os tempos. Recebeu também a visita de Djalma Santos, lateral direito do Palmeiras e da seleção brasileira em quatro copas, e do goleador vascaíno, Roberto Dinamite. Uma matéria da *Revista Placar*⁸ publicada em 25 de junho de 1986, noticiava o falecimento de Mãe Menininha e comentava sobre o fato de alguns jogadores terem ido ao Gantois para conhecer a ialorixá. Segundo a revista, Dinamite foi ao terreiro pedir a benção a mãe de santo juntamente com sua mulher, Jurema, que estava doente e passava por um processo de recuperação. Além disso, ele pediu a benção da mãe de santo para continuar acertando o caminho do gol. O fotógrafo Hipólito Pereira registrou esta cena.

⁸ O adeus de Mãe Menininha. Placar. 25 de agosto, 1986, p. 54.

Figura 1- Mãe Menininha com Roberto Dinamite e sua esposa



Fonte: O adeus de Mãe Menininha. *Revista Placar*. 25 de agosto, 1986, p. 54.

Nesta época, Menininha passou a receber diversas homenagens por todo o Brasil e seu nome estampava as diversas capas de jornais e revistas. Vale ressaltar que para conseguir acesso a ela não era uma coisa fácil, uma vez que sua presença era muito requisitada, além das muitas obrigações que tinha no terreiro. Raramente saía de lá, só para certos afazeres inadiáveis como, ir ao médico, visitar alguém importante ou ir em algum lugar em função do terreiro. Dessa forma a única forma de vê-la era indo ao Gantois no alto do bairro da federação.

De acordo com Cida Costa em uma matéria publicada no jornal *O Globo*⁹ em 08 de agosto de 2016, as visitas de pessoas de renome eram constantes a ponto do Terreiro do Gantois virar uma espécie ponto turístico para quem visitava Salvador. Podemos citar inúmeros políticos que foram visitá-la, como os presidentes, Getúlio Vargas, João Goulart e João Baptista Figueredo, os governadores Adhemar de Barros, Paulo Maluf, João Durval, Antônio Carlos Magalhães e Roberto Santos, além de Luiz Inácio Lula da Silva, que mais tarde chegaria ao posto mais alto no Palácio do Planalto. Ela também recebeu visitas de políticos vindos de fora do Brasil, mais especificamente da África, como foi o caso do rei nigeriano de Ejigbô, de nome Oba Oyeyode Oyesosin, que a visitou em julho de 1983, durante o período que esteve no Brasil para participar da II Conferência Mundial de Tradição Orixá e Cultura em Salvador. Durante sua visita o rei nigeriano declarou que se Mãe Menininha fosse da sua terra já teria virado um orixá. (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006). Também podemos citar o presidente da Guiné

⁹ COSTA, Cida. Mãe Menininha, da intolerância religiosa à romaria de políticos e famosos na Bahia. *O Globo*, 08/06/2016.

Bissau João Bernardo Vieira, que visitou o Terreiro do Gantois no dia 04 de julho de 1984. Apesar de ser católico, pediu para Mãe Menininha jogar búzios para ele e ficou impressionado com a sua sabedoria e com a ligação da raiz cultural africana apesar da idade avançada. Nóbrega e Echeverria (2006) ressaltam que essas visitas vindas da África eram momentos de grande emoção para Mãe Menininha, devido a herança cultural familiar, tudo o que dizia respeito ao continente africano era tratado com atenção redobrada e extrema consideração.

Além da admiração e consideração que tinha pelos africanos, Mãe Menininha também tinha uma relação de respeito e reverência pelos representantes religiosos da Igreja Católica. Isso se mostrava tanto nas atitudes através da cumplicidade e respeito que se tinha nas relações com os bispos, freis, padres, como também na admiração que ela tinha pelo Papa. Quando João Paulo II veio ao Brasil, em julho de 1980, Mãe Menininha saiu do terreiro, quase que um feito inédito, para ver em Itapoã a passagem do cortejo do Papa de perto. Ela ainda tinha na parede do seu quarto fotos do líder religioso, como também um certificado de benção Papal que ganhou de presente de sua filha de santo, a ex atriz Marlene França, que trouxe o documento de Roma em 1982 (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006).

As visitas ao Gantois e a Mãe Menininha continuavam e ganhavam constância, uma vez que após o abrandecimento da perseguição para com as religiões de matriz, muitos curiosos expressaram interesse em conhecer um pouco sobre a religião candomblecista, como também a icônica figura que era Mãe Menininha do Gantois. Mas se engana quem pensa que essas visitas eram apenas curiosidade cultural, principalmente quando se tratava de candidatos a algum cargo político ou de alguns que já estavam inseridos nesse meio. Esses supostos “visitantes” iam conhecê-la quase sempre devido a algum interesse político. Muitos deles se aproximavam de Mãe Menininha em virtude do seu prestígio social, para conseguir votos e a simpatia do povo de baixa renda, que era maioria daqueles que frequentavam o Candomblé.

Entretanto, Mãe Menininha sabia usar dessas alianças para conquistar e ocupar espaços que eram considerados da elite baiana. Segundo Santos (1995), foi através dessas alianças estratégicas com os diversos setores da sociedade, que ela conseguiu inserir o candomblé no cotidiano social de Salvador. Ela deixava a sua imagem ser usada através dos interesses políticos e ao mesmo tempo usava do seu prestígio para coibir as perseguições aos terreiros de candomblé, para compartilhar seu conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e sobretudo para combater o preconceito existente que julgava e desmerecia as religiões de matriz africana.

A partir do prestígio conquistado devido a seu caráter e personalidade, Mãe Menininha usou da sua rede de relação para se fortalecer e, claro, consolidar o candomblé como uma prática

religiosa permitida e respeitada na prática. Em seu aniversário por exemplo, que ocorria no mês de fevereiro, todo ano tinha uma missa de ação de graças, as vezes celebrada no Mosteiro de São Bento, na Barroquinha, ou na Igreja Rosário dos Pretos, no Pelourinho. Nestas festividades amigos, filhos de santos e convidados dos outros terreiros compareciam para prestigiá-la. Para compreender o tamanho da sua relevância, nessas ocasiões era obrigatória a visita das autoridades e de diversos políticos baianos, muitas vezes até rivais, que se encontravam no local. Além deles, sempre estavam presentes as personalidades citadas anteriormente que conviviam com a ialorixá como é caso da família Veloso, Jorge Amado e sua mulher Zélia Gattai, Vinícius de Moraes, Antônio Carlos Magalhães, dentre outros (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006).

Ela atingiu um patamar de admiração e respeito que poucos líderes religiosos conquistaram na história do país, por isso ela é considerada uma mãe de santo popular. As autoras Nóbrega e Echeverria (2006) conseguiram traduzir essa sensação em um trecho da biografia publicada: “[...] a alegria de viver de Menininha e a força do seu carisma irradiaram-se pela sociedade baiana, ultrapassaram as fronteiras do Estado e serviram para Menininha conquistar um lugar de destaque no imaginário e no afeto da população brasileira.” (ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006, p. 152).

Podemos entender um pouco mais acerca do respeito, carinho e admiração que Mãe Menininha despertava nas pessoas pelos jornais de época. É perceptível que a publicidade em torno da imagem da ialorixá do Gantois era algo super explorado. Eles valorizavam a líder de religiosa de maneira suntuosa quase sempre em datas festivas ou pelo fato de ela ter recebido premiações e homenagens pelos seus feitos em prol da liberdade religiosa. Vale ressaltar que a imprensa jornalística sempre valorizava a presença de pessoas famosas e políticos da época para demonstrar o tamanho de sua importância social e cultural. Em uma matéria publica pelo *Jornal do Brasil*¹⁰ em 19 de fevereiro de 1972, intitulada, “*Bahia festeja jubileu de ouro de Menininha, sua mais famosa mãe de santo*”, é perceptível pelo título a importância que ela tem no cenário social baiano, como também no nacional, visto que essa matéria pertence a um jornal carioca. A matéria, de autoria não informada, relata as comemorações que serão feitas no seu aniversário de 78 anos, ano que ela completou 50 anos de mãe de santo no Gantois, já que assumiu a casa aos 28. Naquela época foi feita uma grande homenagem a Menininha numa cerimônia que contaria com a participação de diversas pessoas de renome, tais como: Jorge Amado, Pierre Verger, Caribé, Mario Cravo, Vinicius de Moraes, Dorival Caymmi e Vivaldo

¹⁰ Jornal do Brasil, 19/02/1972.

Costa Lima. Esta cerimônia ainda contou com a presença dos políticos, Antônio Carlos Magalhães, filho de santo de Menininha e de Cleriston Andrade, na época prefeito de Salvador.

Este é só mais um dos diversos exemplos em que podemos perceber como a imagem de Mãe Menininha ganhou notoriedade nacional e ultrapassou o plano religioso de diversas formas. Podemos citar a vez em que ela foi homenageada pela Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, que em 1976 trouxe o enredo “*Mãe Menininha do Gantois*”, durante o desfile no sambódromo carioca, que lhe rendeu o terceiro lugar na classificação geral. Como exemplo mais atual podemos citar o caso da Escola de Samba Vai Vai, de São Paulo, que com o enredo, “*No Xirê do Anhembi, a Oxum mais bonita surgiu. Mãe Menininha da Bahia, a ialorixá do Brasil*”, homenageou a mãe de santo na avenida carnavalesca. Todos esses exemplos e discussões anteriores confirmam o argumento frisado na introdução desta dissertação, de que Mãe Menininha foi a primeira mãe de santo pop uma figura que esteve à frente do seu tempo.

Uma das pessoas que reconhecia a importância da figura de Mãe Menininha do Gantois como defensora da liberdade religiosa e cultural e que durante sua carreira política teve seu nome associado ao dela diversas vezes, foi o político Antônio Carlos Magalhães (1927-2007). O político de conservador e de direita tinha uma relação muito próxima com Mãe Menininha. Como os outros políticos, usava a imagem da ialorixá para ganhar popularidade política com a massa. Entretanto, considerava Mãe Menininha uma pessoa essencial em sua vida. Segundo ele, Menininha tinha interesse em fazer a vida dele dar certo. ACM¹¹ relata que conheceu o terreiro através de um amigo, Odorico Tavares. De lá em diante começou a frequentar o terreiro e criou uma admiração e respeito gigante por Menininha, chegando a virar até seu filho de santo. Ele relata que ficava encantado com a bondade que ela tinha e ficava lisonjeado pela forma como ela o tratava, com tanta simplicidade. Ele mantinha contato constante com Menininha e ia visitá-la sempre que podia, cerca de dois em dois meses. Por fim, um fato interessante relatado por ACM na entrevista é sobre os rumos que sua vida tomou após a morte da mãe de santo. Ele comenta que após o falecimento dela as piores coisas aconteceram em sua vida e chega até a imaginar que isso ocorreu pela falta de sua benção.

¹¹ Depoimento dado a Cida Nóbrega e Regina Echeverria para produção do livro, *Mãe Menininha: uma biografia*, publicado no ano de 2006.

4.4 MÃE MENININHA, MÍDIA E PUBLICIDADE

Isto posto, é impossível entender quem foi Mãe Menininha do Gantois sem compreender a imagem que foi criada em torno da sua figura e forma como ela usava desta imagem para desmitificar a visão preconceituosa que se tinha acerca das religiões de matriz africana. Uma vez que ela era uma figura extremamente midiática e popular, como relata a pesquisadora Cleidiana Patrícia Costa Ramos, em sua dissertação de mestrado: “Mãe Menininha pode ser descrita como a mais midiática das sacerdotisas das religiões afro-brasileiras, pois era uma presença constante não só nos jornais impressos, os meios de comunicação tradicionais, como também nos mais modernos, a exemplo da televisão.” (RAMOS, 2009, p.203).

A líder religiosa usava da sua rede de alianças políticas e sociais para angariar espaços ocupados comumente elite, como a televisão, as capas de jornais e revistas, como também servir de inspiração para diversas manifestações artísticas. Além disso, é fundamental entender a maneira como ela deixava sua imagem ser usada por diversas pessoas de alta sociedade, principalmente os políticos, que queriam tirar proveito dessa amizade. Entretanto, Mãe Menininha nunca foi ingênua, pois ao mesmo tempo que era usada ela usava deste espaço e da popularidade de sua imagem para lutar pela liberdade do culto religioso, pela desmistificação do preconceito para com a religiões de matriz africana e pela disseminação das manifestações culturais populares. É impossível entender quem foi Mãe Menininha sem analisar algumas fotografias e vídeos que foram produzidos com diversos intuitos aos quais iremos analisar a seguir. Assim como relata o historiador inglês Peter Burke, é fundamental considerar o uso da imagem como evidência histórica, assim como os documentos escritos, que apesar das dificuldades deste tipo análise, como qualquer outro, a imagem é interpretação de alguém que foi a testemunha ocular daquele evento (BURKE, 2017).

A primeira propaganda que merece destaque é um comercial televisivo produzido no ano de 1976 que usa a figura de Mãe Menininha do Gantois com algumas intenções implícitas. O comercial produzido pelo Governo do Estado da Bahia, foi filmado com o objetivo de “celebrar” a conquista do fim da perseguição aos terreiros de candomblé e o direito ao culto aos orixás, após o governador Roberto Santos assinar um decreto que liberava as entidades do registro obrigatório na Secretaria de Segurança Pública. Esse método era o meio utilizado pela polícia baiana para coibir as manifestações culturais de matriz africana. Após esta assinatura os terreiros passaram a ser considerados “áreas de proteção cultural e paisagística” e a perseguição

cessou, através de muita luta política e resistência. O início do comercial traz a seguinte mensagem na voz do locutor:

Nesta casa de candomblé da Sociedade de São Jorge do Gantois, Ilê Iya Omin Axé Iyamassê, situada no Largo da Pulcheria, no alto do Gantois, há 50 anos, Dona Maria Escolástica da Conceição Nazareth, mãe de santo Menininha do Gantois, zela no alto posto de Iyalorixá, com exemplar dedicação e perene bondade, pelos orixás e pelo povo da Bahia. (Jornal do Brasil, 19 de fevereiro de 1972, 1 cad., p.15).

Essa mensagem foi retirada de uma placa de bronze recebida por Mãe Menininha em homenagem ao seu jubileu de ouro. Após essa mensagem e algumas imagens do terreiro Gantois, o comercial foca na mãe de santo, que disse a seguinte frase em iorubá: “Que Oxúm proteja o povo de minha terra”. Ao som dos atabaques novamente e com a logomarca do governador Roberto Santos estampada, o comercial é finalizado com o locutor dizendo a seguinte mensagem: “Governo e povo, unidos em suas crenças em busca de um ano de paz”¹².

Quais foram as intenções do governo Roberto Santos em publicar esse comercial em rede televisiva local baiana? O que podemos observar, em primeiro lugar é que o comercial é uma tentativa do governador de conquistar apoio da população através do uso de visões culturais populares e africanizadas da Bahia, trazendo o ideário de baianidade nagô, explorando a cultura iorubá. Usar do candomblé e das suas manifestações culturais africanas como uma espécie de identidade cultural da Bahia.

Outro quesito que deve ser destacado no comercial é a forma como o governo usa da figura de Mãe Menininha, relacionando sua imagem com uma espécie de divindade, de mãe protetora da Bahia. Apesar de ela citar que o seu orixá é que irá proteger o seu território, é perceptível como o comercial explora a imagem Menininha através da visão da maternidade, bondade, carisma e cumplicidade. O comercial ainda usa da popularidade da mãe de santo do Gantois para fazer propaganda política do governo, valorizando o feito de Roberto Santos como responsável pela assinatura do decreto de liberdade religiosa aos terreiros de candomblé, o que de certa forma minimizou o período árduo de lutas e embates importantes para a conquista desta liberdade de culto aos orixás. Por fim, é válido lembrar que apesar de ter sua imagem explorada em diversos quesitos Mãe Menininha do Gantois, fez da propaganda comercial política um momento importante para difusão cultural do Candomblé baiano e brasileiro. Além disso

¹² Mãe Menininha do Gantois. Secretaria de Saúde da Bahia. Salvador: Governo do Estado da Bahia, 1976.

ocupou um espaço crucial no principal meio de comunicação da época, a televisão, lugar que só era ocupado, na sua grande maioria, por artistas brancos. Nas raríssimas vezes que a imagem de uma pessoa negra aparecia no veículo de comunicação era usada de forma pejorativa.

Após a análise do vídeo de publicidade, a primeira imagem selecionada para uma discussão e investigação mais profunda é a de uma fotografia tirada durante uma visita que os amigos de Mãe Menininha fizeram a ela no Terreiro do Gantois.

Para analisar a fotografia usamos da metodologia adotada pela pesquisadora, Elspeth H. Brown (2005), no artigo “*Leitura de um registro visual*”; (*Reading the Visual Record*). Assim como Burke (2017) ela defende de que as imagens são extensões dos contextos sociais em que foram produzidas, logo pode ser considerada uma fonte para análise histórica. Deste modo, baseado no artigo, “*Mind in Matter: An Introduction to Material Culture Theory and Method, (1982)*” escrito pelo historiador da Arte, Jules David Prown, a historiadora criou um método de análise de imagens e iconografias. Este, serviu como guia da minha investigação científica sobre Mãe Menininha do Gantois.

Segundo Brown, são três os passos gerais e cruciais para analisar uma fotografia: descrição, dedução e especulação. No primeiro passo, você deve descrever a imagem de maneira simples, sem julgar os elementos e personagens que estão envolvidos na fonte. No segundo passo, a dedução, você deve considerar todas evidências visuais da imagem, para assim formar as suas especulações. No terceiro e último passo, você irá fazer questionamentos acerca da imagem de acordo com aquilo que foi descrito e deduzido. Assim, ela explica que esse método é imprescindível para qualquer estudioso que irá analisar uma imagem, uma vez que através deste modelo o pesquisador conseguirá interpretar o que estaria implícito em qualquer fonte iconográfica. Brown (2005) ainda acrescenta que a discussão sobre este método é de extrema importância, já que os estudantes de História em sua grande maioria não são preparados para analisar um registro visual ou muitas vezes nem o consideram como evidência histórica.

Desta maneira, procedeu-se a investigação e análise da fotografia com vistas a realizar uma interpretação subjetiva da imagem. Seguindo o primeiro passo da análise, a descrição, a figura 2 retrata quatro homens e uma mulher. A mulher no centro da foto abaixo é Menininha do Gantois, cercada por três dos seus amigos íntimos, Jorge Amado (ao centro), Carybé (a sua esquerda), Dorival Caymmi (a sua direita); outro homem desconhecido que está ao lado do músico. Pode-se perceber que todos os homens estão vestidos de branco e sentados em volta dela demonstrando uma expressão de felicidade e descontração. Ela está acomodada em uma espécie de trono, numa cadeira maior que as demais, e vestida com uma indumentária típica. A

parede do ambiente é recheada de objetos e figuras religiosas, inclusive a do Papa João Paulo II.

Figura 2 - Mãe Menininha com seus amigos, Dorival Caymmi, Jorge Amado e Carybé



Fonte: GATTAI, Zélia. Página da Casa do Rio Vermelho no Facebook. s/d¹³.

Partindo para o segundo passo, a dedução, é importante perceber nas evidências visuais relatadas anteriormente, para apoiar qualquer argumento de possível dedução (BROWN, 2005). Isto posto, é possível entender que devido ao tipo de cadeira que Menininha está sentada, roupa e colares que ela está usando, podemos interpretar que ela é uma mãe de santo que detém um nível de conhecimento e sabedoria maior que o comum e que de alguma forma todos os homens presentes estão conversando e aprendendo um pouco com ela. Com relação a expressão facial dos homens, que demonstra felicidade e descontração, podemos indicar que os três senhores de branco e a mãe de santo, mantêm uma relação de amizade e companheirismo, visto que além da expressão facial existe uma espécie de carinho nos olhares, principalmente entre Mãe Menininha e Dorival Caymmi. Com relação a vestimenta dos homens e os objetos religiosos pendurados da parede, a fotografia indica que foi retirada em um templo religioso, mais especificamente no Terreiro do Gantois, lugar do qual Menininha quase nunca saía. Ainda é válido dizer que naquela época esta fotografia representava um registro de descontração e felicidade entre amigos, uma forma de recordação de um momento especial, visto que não foi

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/casadoriovermelho/photos/mãe-menininha-está-acima-de-toda-e-qualquer-divergência-de-ordem-política-econôm/3856308227713289/>. Acesso em 8 de setembro de 2022.

tirada com intuito de fazer propaganda ou publicidade. Vale ressaltar que de acordo com a Casa do Rio Vermelho, local onde funciona um memorial da casa em que Jorge Amado e Zélia Gattai moraram, foi Zélia que tirou a fotografia.

Na terceira e última etapa, a especulação, é o momento em que iremos fazer perguntas ainda mais detalhadas sobre aquela fotografia e principalmente criar teorias e hipóteses a respeito daquilo que foi descrito e deduzido, de acordo com os passos um e dois (BROWN, 2005).

A primeira teoria levantada é sobre a datação da foto, haja vista que a imagem não tem uma data precisamente definida. Dessa forma a hipótese é que a fotografia seja da década de 1970, pois foi a época que Mãe Menininha construiu laços com a maioria dos artistas que aparecem na foto. Époça também em que ela apareceu no cenário nacional devido a música produzida por Caymmi em 1972. Outra hipótese que sugere esta datação é o fato dela aparentar estar mais nova e mais magra, do que com o peso de mais de 140 quilos, que era mais ou menos o que ela tinha nos anos finais de vida.

Uma segunda hipótese que pode ser levantada é com relação aquilo que a imagem representa. Após um estudo biográfico sobre Mãe Menininha é possível saber que nenhum destes homens presentes na foto estavam ao lado dela com interesses implícitos nas relações de amizade e sim, pela admiração e respeito que tinham pela figura icônica que a ialorixá representava. Entretanto, essa imagem foi muito importante para a época, uma vez que demonstrava a sua influência social, ao lado de artistas e intelectuais renomados no país inteiro e até fora dele, além de reforçar o poder da sua rede de alianças. Podemos citar também a forma como essa imagem retrata essas amigadas, todos humildes, sorrindo e se abraçando, de modo que pareciam que estavam em casa nos braços de sua mãe querida. Isso demonstra a maneira como as grandes personalidades tinham um papel fundamental com relação a proteção do terreiro contra as batidas policiais. Ainda, eram importantes agentes na luta pela valorização da cultura Afro-brasileira e cruciais para a disseminação desta através das manifestações artísticas.

Por fim, é importante assinalar que a fotografia está carregada de objetos católicos pendurados na parede, com destaque para os terços. Além disso, podemos enxergar a foto do Papa João Paulo II, que era o principal representante da Igreja Católica daquela época. É possível perceber a forte ligação que Mãe Menininha tinha com a religião católica. Era de conhecimento de todos que ela tinha uma grande admiração e respeito pelo Papa, pela igreja e pelas crenças católicas. Ela era batizada, frequentava a missa, foi ver o cortejo do Papa em

Itapoã quando ele visitou Salvador, além de que mantinha um bom relacionamento com todos os membros da Igreja Católica na Bahia.

Através destas hipóteses, discussões e teorias é possível enxergar algumas das características que estão implícitas em cada fotografia, ou seja, informações que, embora não apareçam, encontram-se nela por um olhar mais pormenorizado.

Uma outra imagem que merece ser discutida de maneira minuciosa é uma fotografia feita e divulgada em forma de propaganda pela agência de anúncios chamada DPZ em parceria com a empresa produtora de máquinas de escrever Olivetti. Na propaganda em questão, a empresa contratou Mãe Menininha para fazer uma campanha de publicidade do Dia das Mães e pagou cerca de trinta mil cruzeiros pelo cache. Na época, a quantia se tratava de muito dinheiro, e a ialorixá aceitou o convite declarando que não ia embolsar nada. Ainda afirmou que o dinheiro seria destinado a caridade e a ajuda dos mais necessitados. Entretanto, essa propaganda gerou uma enorme polêmica em diversos veículos de comunicação, pois havia uma discussão sobre quem estava certo ou errado. Dessa maneira, é interessante analisarmos a publicidade para entender os diversos pontos de vista e as discussões geradas.

Seguindo a mesma metodologia aplicada na análise da **Figura 2**, iremos investigar a próxima imagem (abaixo). Com relação a sua descrição, temos ao centro da imagem uma senhora negra, sentada em uma cama segurando uma máquina de escrever. A mulher está usando um vestido branco com algumas imagens na parte da saia e utiliza alguns colares e pulseiras. É válido ressaltar que a senhora expressa uma cara de felicidade segurando o objeto referido e além da imagem em si a propaganda tem algumas frases escritas. Acima da imagem temos: “Mãe Menininha do Gantois aconselha: meu filho, dê uma Olivetti portátil para sua mãe”. Abaixo da imagem temos as seguintes frases: “Ela vai se sentir uma verdadeira mãe de santo.”, “Seguir o conselho da Mãe do Brasil (Mãe Menininha do Gantois) não dá nenhum trabalho. Basta você escolher um dos 5 modelos de portáteis Olivetti: Lettera 32 e 35, Studio 45 e 46 ou Dora. Dia 14 dê uma Olivetti portátil para sua mãe, meu filho”.

Em segundo momento podemos entender através do método da dedução a intenção da empresa ao colocar a figura de Mãe Menininha nesta propaganda comercial. Ela é uma mãe de santo reconhecida nacionalmente pela sua simplicidade, doçura, humildade, características que da mesma maneira que cativam devotos, poderiam ser de importância para a conversão de vendas. Na década de 1970, Mãe Menininha era uma figura extremamente e de certa forma, um produto indicado por ela, não teria como não fazer sucesso. Ademais, as frases persuasivas incrementaram os elementos visuais, junto com a expressão de felicidade da ialorixá segurando

a máquina, ou seja, um conjunto de elementos determinantes para passar credibilidade ao consumidor.

Figura 3 - Propaganda de Mãe Menininha em parceria com a DPZ e a Olivetti

**Mãe Menininha do Gantois
aconselha:
meu filho, dê uma Olivetti portátil
para a sua mãe.**



Ela vai se sentir uma verdadeira mãe de santo.

Seguir o conselho da Mãe do Brasil (Mãe Menininha do Gantois) não dá nenhum trabalho. Basta você escolher um dos 5 modelos de portáteis Olivetti: Lettera 32 e 33, Studio 45 e 46 ou Dora. Dia 14 dê uma Olivetti portátil para a sua mãe, meu filho.



olivetti
Soluções em grande estilo.

Fonte: Mãe Menininha, no final, vendeu Olivettis e Olivettos. Tribuna da Imprensa, 19/05/1978.

No terceiro e último momento de uma análise de imagem, iremos discutir as hipóteses e teorias sobre uso da imagem de Mãe Menininha na propaganda de máquina de escrever da Olivetti. O primeiro ponto a ser citado é a forma como a empresa usou da imagem e personalidade da mãe de santo para transformá-la em garota propaganda da campanha. A DPZ e a Olivetti usaram a imagem de Mãe Menininha, que era uma figura que esbanjava uma aura maternal, para fazer a divulgação dos seus produtos no dia das mães. Além disso, usaram da sua influência política, social e religiosa para fazer com que os consumidores acreditassem na propaganda e comprassem os produtos. Ou seja, fizeram uso de um líder religioso de forma apelativa, com frases bastantes persuasivas para converter suas vendas. Entretanto, a empresa

sofreu uma enxurrada de críticas pela forma como fez a propaganda, relacionando a venda de um produto com a imagem de uma pessoa de influência religiosa e cultural.

Através de uma propaganda de conversão agressiva e apelativa a DPZ atingiu o seu público-alvo, as mães, trazendo simplesmente um dos maiores exemplos de mãe e ser humano que se tinha como referência naquela época, a famosa Mãe do Brasil. A propaganda envolveu uma questão de ética tanto com relação a empresa, quanto com relação a Mãe Menininha, que aceitou o convite para fazer a campanha. Apesar da doação do dinheiro, vários jornais, revistas e até programas de rádio do país inteiro discutiram o assunto, o qual gerou até conflitos e algumas inimizades por parte dos colunistas da época.¹⁴ O fato ganhou uma proporção tão grande que Mãe Menininha chegou a abrir um processo contra a empresa de publicidade DPZ. Esse episódio foi noticiado pelo período *Jornal do Brasil*¹⁵ no dia 18 de maio de 1978, quatro dias depois da divulgação da campanha. A ação aberta por Mãe Menininha alegava que a empresa lesou a mãe de santo abusando da sua boa-fé e questionava a empresa sobre o paradeiro do dinheiro do pagamento, que não teria sido revertido para caridades. Esse conflito com a empresa publicitária gerou até um desconforto entre Mãe Menininha e a Federação Baiana de Cultos Afro-Brasileiros, que inicialmente teria optado por puni-la. Contudo, após a apuração dos fatos a Federação comunicou publicamente que iria apoiá-la na ação judicial contra a empresa.¹⁶

Portanto, foi possível compreender através destas três análises que é inconcebível compreender quem foi Mãe Menininha do Gantois, sem investigar a forma como os veículos de imprensa e as publicidades usavam sua imagem e a como ela se valia desse uso para combater o preconceito para com as religiões de matriz africana, como também para compartilhar o conhecimento sobre a cultura afro-brasileira. Todas essas qualidades fizeram dela uma mulher de grande influência na sociedade baiana e brasileira. Com sua rede de contatos conseguia privilégios que muitas vezes nenhum outro líder religioso do candomblé tinha. Além de ser uma das figuras importantes na luta de resistência contra as perseguições para com os candomblés baianos, foi a mãe de santo pop¹⁷ responsável pela consolidação da cultura negra no cenário nacional e internacional. Mostrou para todos aqueles que a cultura negra negada e marginalizada durante toda a história do Brasil, ganharia destaque e se transformaria na identidade do estado baiano. Em sua história de vida nunca se envolveu em conflitos e por isso

¹⁴ Mãe Menininha, no final, vendeu Olivettis e Olivettos. *Tribuna da Imprensa*, 19/05/1978.

¹⁵ *Jornal do Brasil*, 18/05/1978, 40^a ed, p.18.

¹⁶ Terreiros absolvem Mãe Menininha. *Jornal do Brasil* (RJ), 19/05/1978, p. 18.

¹⁷ Termo usado pela primeira vez por Gilberto Gil em uma entrevista dada a Cida Nóbrega e Regina Echeverria em 2004, para a produção do livro *Mãe Menininha do Gantois: uma biografia*, publicado em 2006.

conquistou tanta admiração e respeito, devido a diplomacia que matinha em todas as suas relações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de entendimento geral que as religiões de matriz africanas passaram por um grande processo de perseguição policial e social durante décadas, desde o fim do século XIX até quase o fim do século XX. Reconhecemos também que houve alguns personagens históricos importantes que marcaram esta época como símbolos de resistência cultural. Contudo, nenhuma outra figura soube lidar com todos os problemas, sociais, políticos e religiosos, agindo de maneira diplomática, sendo ainda capaz de conquistar admiradores de todas as partes do país e até do mundo, como Mãe Menininha do Gantois. Diante disto, é possível afirmar que nenhuma outra mãe de santo conseguiu alcançar o patamar de influência social e cultural que Mãe Menininha atingiu. Ela foi um símbolo da cultura popular afro-brasileira importantíssimo para interpretação da valorização da cultura africana e formação da identidade baiana. Por estes e por outros fatores que a ialorixá é considerada a primeira e única mãe de santo pop do Brasil (GIL, G. In: ECHEVERRIA e NÓBREGA, 2006).

Desta maneira, a presente monografia a partir de fontes bibliográficas conceituadas no estudo das religiões africanas, do trabalho de análise de fontes primárias (jornais) e da análise imagética, visou compreender a figura da mãe de santo mais famosa do país. O objetivo principal deste trabalho foi compreender a maneira como ela se tornou uma pessoa tão poderosa, amparada da sua rede de contatos, nas características da sua personalidade e no uso de sua imagem. Para interpretar esta fase da vida ialorixá foi necessário e entender a origem da sua família, o período histórico em que ela estava inserida e o local em que passou praticamente toda sua vida, o Terreiro do Gantois. Além disso, é importante ressaltar que é inconcebível compreender quem foi Mãe Menininha do Gantois, sem analisar os aspectos e enredos por trás do uso e desuso de imagem. O trabalho em questão também fez o uso da relação entre História e Imagem, para interpretá-la como uma evidência histórica e através deste tipo de documento entender como a mãe de santo deixava sua imagem ser usada e ao mesmo tempo a usava para conseguir ocupar espaços que normalmente eram ocupados pela elite, como foi o caso da televisão.

Em suma, o trabalho abordou a discussão e conhecimento sobre personagens históricos negros que tiveram um papel histórico contundente, mas que muitas vezes são negligenciados pela história dos grandes feitos. Além disso, expõe uma nova abordagem da análise documental, diferentemente do conteúdo acadêmico já produzido, que usa dos documentos para contar a

versão motivada do opressor. Esta monografia centra seus esforços em apresentar a história através da visão dos agentes de resistência. Ainda, este trabalho se faz pertinente, pois remora o quão atual é o preconceito para com religiões de matriz africana e o quanto é importante se manifestar e resistir a esses atos de intolerância religiosa. As igrejas pentecostais e neopentecostais demonstram cada dia mais uma postura agressiva de preconceito e aversão religiosa, amparadas pela bancada evangélica instituída pelos políticos brasileiros que ocupam a Câmara dos Deputados e o Senado.

6 REFERÊNCIAS

Bibliografias

- ALBUQUERQUE, W. R. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- AMADO, J. **Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios**. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- BASTIDE, R. **O candomblé da Bahia; rito nagô**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1961.
- BURKE, P. **Testemunha ocular: O uso de imagens como evidência histórica**. São Paulo, Editora Unesp, 2017.
- BRAGA, J. **A cadeira de Ogã e outros ensaios**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- _____. **Na Gamela do Feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 1995.
- BROWN, E. H. Appendix A: “Reading the Visual Record”. In: Looking for America: The Visual Production of Nation and People. CAMARON, A. Nova Jersey, Blackwell Publishing, 2005.
- CARNEIRO, E. **Candomblés da Bahia**. 9ª ed. Rio de Janeiro: WMF, 2008.
- CASTILLO, L. E. **Bamboxê Obitikô e a expansão do culto aos orixás (século XIX): uma rede religiosa afro atlântica**. Tempo (Niterói, online) | Vol. 22 n. 39. p.126-153, jan-abr., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/hMLHYwMvRWrNZ3MgYsjY3Pj/?lang=pt>
- _____. O Terreiro do Gantois: Redes Sociais e Etnografia Histórica No Século XIX. rev. hist. (São Paulo), n.176, a05616, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/qjPgpLhSMRk5NNJmjrPQTwh/?lang=pt&format=pdf>
- _____. A fotografia e seus usos no candomblé da Bahia. Pontos de Interrogação: Revista de Crítica Cultural, v. 3, p. 43-71, 2013.
- COSTA LIMA, V. da. **A Família-de-Santo nos Candomblés Jeje-Nagôs da Bahia**. Salvador: UFBA, 1971.
- _____. “Os obás de Xangô”. In MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de Olóórisa. Escritos sobre a religião dos orixás. São Paulo: Editora Ágora, 1981.
- _____. “Nações de candomblé”. In Encontro de Nações de Candomblé. Salvador: Ianamá/CEAO/CED, 1984.
- _____. “O candomblé na Bahia na década de 30”. In COSTA LIMA, Vivaldo, & OLIVEIRA, Waldir Freitas: Cartas de Edison Carneiro a Artur Ramos. Salvador: Editora Corrupio, 1987.
- DANTAS, B. G. **Vovô Nago e Papai Branco: Usos e Abusos da África**. Paz e Terra, São Paulo, 2012.
- EICHEVERIA, R; NÓBREGA, C. **Mãe Menininha do Gantois: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

EUGÊNIO, R. W. **Mãe Menininha do Gantois e o poder dos terreiros**. Carta Capital, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/mae-menininha-do-gantois-e-o-poder-dos-terreiros/>

FLAKSMAN, C. M. **Relações e Narrativas: o enredo no candomblé da Bahia. Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, 36(1): 13-33, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/BQZmgvKQLQNp9Z6vYCxbHcD/abstract/?lang=pt>

_____. **Narrativas, relações e emaranhados: os enredos do candomblé no Terreiro do Gantois, Salvador, Bahia**. Tese de doutorado, Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

GONÇALVES, M. A. **Um defeito de cor**. Record, Rio de Janeiro, 2006.

HITA, M. G. **A casa das mulheres n'outro terreiro: famílias matriarcais em Salvador**. SALVADOR: EDUFBA, 2014.

LANDES, R. **A cidade das mulheres**. 2. ed. rev. - Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

LUHNING, Â. “Acabe com este santo, Pedrito vem aí...” Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942. **Revista USP**. São Paulo. Nº 28. p. 194-220, dezembro/ fevereiro 95/96.

MALUF, S. W. Além do templo e do texto: desafios e dilemas dos estudos de religião no Brasil. **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis. v.124, p.05 – 14, 2011.

MATTOSO, K. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

NASCIMENTO, E. L., (org). **Guerreiras da Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo, Selo Negro, 2008.

ORO, A. P. **Representações Sociais E Humanismo Latino No Brasil Atual: Religião, Política, Família E Trabalho**. Florianópolis, UFRGS, 2004.

OLIVEIRA, N. F. De. **A repressão policial as religiões de matriz afro-brasileiras no Estado Novo (1937-1945)**. Dissertação de mestrado. Niterói, 2015.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. **Os estudos africanistas na Bahia dos anos 30**. In: LIMA, V. da C., 1987, Salvador, Editora Corrupio, 1987.

PARÉS, N. L. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jêje na Bahia**. Campinas: Unicamp, 2006, p. 30-39;

QUERINO, M. R. **Costumes africanos no Brasil**. Prefácio e notas de Artur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

RAMOS, A. **O Negro Brasileiro**. Rio de Janeiro, Graphia Editorial, 2002

REIS, L. N. Dos. **A África Nas Publicações Do Centro De Estudos Afro orientais (Anos 1960)**. In: Encontro Estadual de História da ANPUH-PE, XII; 2018, Recife. Anais.

RODRIGUES, N. **O Animismo Feitichista dos Negros Baianos**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1935.

ROMO, A. A. **Brazil's Living Museum Race, Reform, and Tradition in Bahia**. The University of North Carolina Press, chapel hill, 2010.

SANT'ANNA, M. **Escravidão no Brasil: os terreiros de candomblé e resistência cultural dos povos negros**. IPHAN. Brasília – DF, 2015.

SANTOS, E. F. **O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, dos J. T. **O poder da cultura e a cultura no poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2005.

SERRA, O. **Laudo Antropológico: exposição de Motivos Para Instrução de Pedido De Tombamento do Terreiro do Gantois Ilê Axé Iá Omin Iamassê Como Patrimônio Histórico e Etnográfico do Brasil**. processo n.º 1471-T-00, 2002.

VERGER, P. F. **Orixás – Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador, Corrúpio, 2002.

_____. “A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil”. In: Artigos- Tomo I. São Paulo: Corrúpio.

XAVIER, G; FARIAS, J. B; GOMES, F; (orgs.) **mulheres negras: no Brasil escravista e do pós-emancipação**. São Paulo, Selo Negro, 2012.

Fontes primárias (jornais)

AMADO, Jorge. Revista Manchete, Rio de Janeiro, ed.778, 18 mar, 1967, p. 109.

AMADO, Jorge. Memória reverenciada. Veja, São Paulo, 20 ago. 1986, p. 75-76.

Caími lança novo disco em Salvador. Jornal do Brasil, 4 nov, 1972, p. 18.

COSTA, Cida. Mãe Menininha, da intolerância religiosa à romaria de políticos e famosos na Bahia. O Globo, 08/06/2016.

Dorival Caimi lançará seu disco em terreiro de macumba ou no palácio. Jornal do Brasil, 22 stemb,1972, p. 10.

Gantois perde sua oxum mais bonita. À Tarde, Salvador, 14 ago. 1986, p. 3.

Mãe Menininha, no final, vendeu Olivettis e Olivettos. Tribuna da Imprensa, 19/05/1978.

NAZARETH, Maria Escolástica da Conceição. Correio da Bahia, Salvador, 14 ago. 1986.

O adeus de Mãe Menininha. Placar. 25 de agosto, 1986, p. 54.

Terreiros absolvem Mãe Menininha. Jornal do Brasil (RJ), 19/05/1978, p. 18.

Documentários

Àgbára Dúdú – Narrativas Negras, Mãe Menininha do Gantois: a mão da doçura, Truque Produtora de Cinema, ep.11, 26min e 20s, 2020.

Globo Repórter, edição de 11 dez. 1994. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão.

Mãe Menininha do Gantois. Secretaria de Saúde da Bahia. Salvador: Governo do Estado da Bahia, 1976.

Músicas

CAYMMI, D. Oração de Mãe Menininha. Salvador: Odeon: 1972.